

POR QUE AS MULHERES VÃO À GUERRA?

experiências das correspondentes no Oriente Médio



Mariana Catacci

POR QUE AS
MULHERES
VÃO À
GUERRA?

experiências das correspondentes no Oriente Médio

Mariana Catacci

Este livro-reportagem foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

Orientação: Profa. Dra. Eun Yung Park

Agradecimentos

A realização deste trabalho de conclusão de curso teria, talvez, sido possível sem a participação direta ou indireta de algumas pessoas, mas seria, com certeza, muito menos gratificante. Agradeço, inicialmente, a todas as jornalistas que concordaram em ser perfiladas para este livro e me concederam algumas horas de seu tempo para contar boas histórias. São mulheres cujo trabalho abre espaço para novas gerações: Deborah Amos, Bianca Zanini, Clarissa Ward, Frédérique Geerdink e Patrícia Campos Mello. Como Clarissa repete em algumas entrevistas, nós, jornalistas mulheres, subimos nos ombros das gigantes que nos precedem.

Fundamental para o meu crescimento durante o curso de jornalismo na Universidade de São Paulo, a orientadora deste trabalho, Eun Yung Park, foi responsável por um processo de reflexão sobre responsabilidade, disciplina, autocritica e lapidação. É importante deixar-se editar para ser cada vez melhor, é importante almejar um trabalho de qualidade. Agradeço o acompanhamento e orientação, não apenas durante os últimos meses, mas ao longo de toda a graduação.

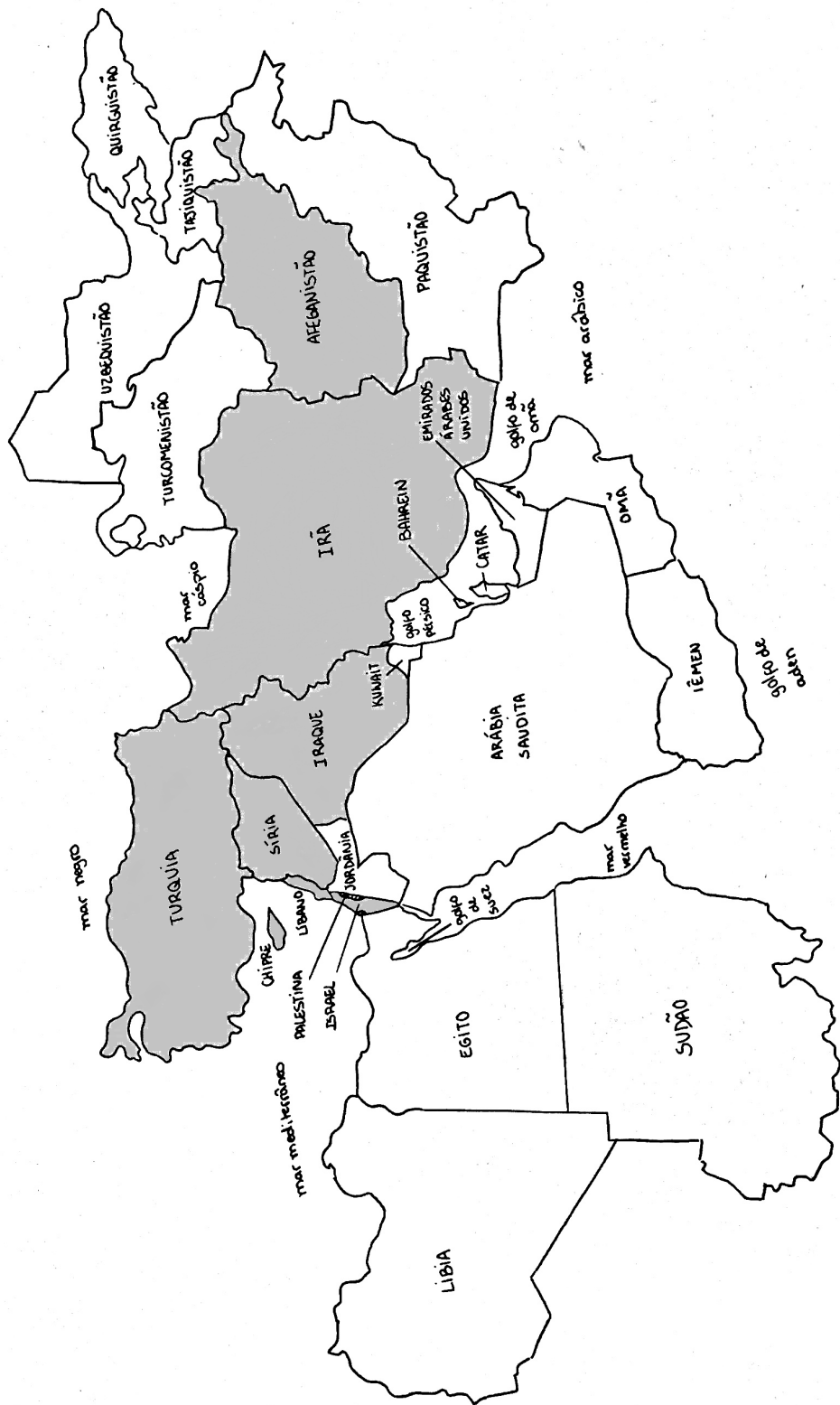
A minha experiência na universidade foi marcada, em um período de pandemia, por longas reuniões da Jornalismo Júnior, onde os alunos mais velhos nos ensinavam os primeiros truques da profissão. Agradeço ao então diretor do Laboratório, João Malar, pela confiança que teve em mim quando me passou a direção do núcleo, e também ao Guilherme Gama e Luisa Costa por terem continuado o trabalho.

Obrigada aos amigos que tornaram os quatro anos de faculdade mais divertidos, em especial: Lê Flávia, Júlia Carvalho, Renata Souza, Gabriela Caputo, José Higidio, Vinícius Garcia, Gabriella Sales, Vanessa Evelyn, Karina Tarasiuk e Danilo Moliterno. Agradeço, também, aos amigos de Campinas que acompanharam a minha evolução de perto: Chiara, Vic, Bia, Luana, Rafa, Marcela, Ricardo e Laura.

Ainda agradeço aos colegas com quem trabalhei na CNN Brasil, onde tive o meu primeiro contato com a experiência jornalística, no setor de Apuração, em um estágio que começou em 2020 e se estendeu até meados de 2022. Em especial, à coordenadora do setor, Evelyne Lorenzetti, que sempre se mostrou disposta e paciente a ensinar os novos profissionais de maneira inigualável. Ainda durante o estágio na CNN, participei da editoria de Internacional, onde confirmei meu interesse pela área e meu gosto pela televisão. Agradeço a minha mentora e amiga Luciana Caczan por todos os ensinamentos e caronas tarde da noite.

Gostaria também de agradecer à minha família, principalmente ao meu pai, que sempre me desafiou e me questionou, o que fez com que eu crescesse procurando mais respostas. Obrigada por aceitar, também, quando eu só tenho perguntas.

Por último, mas sempre, sempre primeiro, às duas mulheres a quem este livro é dedicado. Minha mãe, Angélica Catacci, que é o modelo de tudo que eu conheço. Nada teria sido possível sem a sua dedicação incansável. E Paula, que é tudo que eu ainda quero conhecer.



Observações

1- Os países mencionados neste livro estão destacados.

2- Os mapas foram elaborados pela autora com base nas referências do Google Maps.

3- “Oriente Médio” é uma denominação geográfica flexível, ou seja, pode variar de acordo com o contexto e autor. Alguns fatores de semelhança frequentemente utilizados para definir os países dessa região são a população predominantemente árabe, a origem de impérios muçulmanos e o uso da língua árabe como idioma oficial.

4- O mapa mais comum do Oriente Médio inclui Bahrein, Chipre, Egito, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Palestina, Catar, Arábia Saudita, Síria, Turquia, Emirados Árabes Unidos e Iêmen. Outras interpretações incluem também Líbia, Sudão, Turcomenistão, Uzbequistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Afeganistão e Paquistão.

Sumário

Introdução	9
Como um porco-formigueiro	20
Quando em Roma...	40
O ombro do gigante	54
Camarada Avaşîn	69
A grama do vizinho	86
Conclusão	104
Bibliografia	107
Imagens de abertura de capítulo	115

Introdução

Eu não me lembro do 11 de setembro. Essa é a frase que gera olhos arregalados entre os colegas de redação que recordam este dia com uma riqueza de detalhes impressionante. Eles sabem exatamente onde e com quem estavam, o que faziam e como reagiram à notícia, além de cada etapa do extenso período de cobertura que se seguiu. Na verdade, não são só os jornalistas – a esmagadora maioria das pessoas tem na ponta da língua a história de quando viram dois aviões atingirem as Torres Gêmeas.

Minha avó lembra que “estava sozinha no centro da cidade, e nas lojas Pernambucanas tinha sempre várias TVs ligadas na vitrine. Tinha um monte de gente parada na frente da loja tentando assistir alguma coisa”. A editora que senta do meu lado no trabalho diz que “estava na redação com o jornal fechadinho, pronto para ir ao ar, quando o Carlos Nascimento entrou no Plantão da Globo e deu a notícia. A gente achou que era acidente, até o segundo avião bater”.

Minha mãe estava assistindo televisão e amamentando no sofá, e meu pai tinha saído para uma entrevista de emprego. Eu tinha exatos três meses e seis dias de vida, então, não me lembro do 11 de setembro. Mas até quem era criança na época ou nem tinha nascido ainda cresceu sabendo o que significa essa data e sob uma ideia coletiva que resumia uma parte inteira do mundo a esse evento. As palavras “Oriente Médio”, “islamismo” ou “árabe” eram quase imediatamente seguidas por um adendo sobre o terrorismo, sem muita distinção entre uma coisa e outra, até mesmo entre a minha família materna, descendentes de sírios cristãos que vieram para o Brasil na virada do século XX.

Por muito tempo, o ataque às torres em Nova York foi a minha única referência sobre todos aqueles países, que eu sabia que não eram idênticos, mas não tinha condições de diferenciá-los. A história de quando fui convidada a pensar sobre este livro – e, consequentemente, colocar a pontinha do pé no enorme rio de diferentes culturas, línguas e etnias que vibram no Oriente Médio – aconteceu só em 2021. Eram os últimos quinze dias do mês de agosto, prazo final acordado entre os Estados Unidos e o Afeganistão para a retirada das tropas americanas do país e para o fim de uma guerra de vinte anos.

O exército americano entrou no Afeganistão no fim de 2001 na operação “Enduring Freedom”, coordenada pelo presidente George W. Bush. A Al-Qaeda, grupo responsável pelos ataques de 11 de setembro, encontrava refúgio em território afegão, e o Talibã se recusara a entregar o líder da organização, Osama bin Laden. Em pouco tempo, os mais de dez mil soldados estadunidenses derrubaram o governo e ajudaram a estabelecer um regime de transição em Cabul, capital do Afeganistão.

Uma década depois, em 2011, começou a transição de responsabilidade para as forças afegãs. Entre Barack Obama, Donald Trump e Joe Biden, foram diversos os vaivéns na tentativa de retirar os soldados americanos do Afeganistão – processo que esbarrava não apenas na dúvida de se o governo estabelecido conseguiria se manter, mas também na relação dos Estados Unidos com outros países da Organização do Tratado do Atlântico Norte, além da popularidade de cada presidente com o eleitorado americano.

A bomba estourou literalmente no governo de Joe Biden, em 2021. Donald Trump fechara um acordo com o Talibã no ano anterior de que as tropas americanas seriam retiradas até o dia 31 de

maio, poucos meses depois da posse de Biden, mas isso só aconteceu de fato em agosto. Nos últimos dias do mês, já estava claro que a situação seria caótica: cidadãos americanos, afegãos e de vários outros lugares do mundo tentavam sair do Afeganistão, vídeos mostravam civis pendurados na asa de um avião na tentativa de deixar o país. Havia rumores de que o governo tinha desistido e de que o Talibã voltaria ao poder em questão de dias. O cenário caótico atingiu o ápice em um ataque terrorista no aeroporto da capital Cabul que deixou cerca de 180 mortos.

De fato, o governo apoiado pelos Estados Unidos não resistiu, e o Talibã retomou o controle de Cabul no dia 15 de agosto de 2021. O burburinho da redação era mais alto do que o normal, o inglês dos apresentadores americanos se misturava com as conversas em português dos jornalistas da CNN Brasil. Eu estava perto de completar um ano de estágio na Apuração e era responsável por coletar e encaminhar os principais avisos das agências internacionais de notícias. A cada hora chegava um novo alerta, algo parecido com “TALIBÃ TOMA MAIS DUAS CIDADES”, e o sinal ao vivo da emissora internacional era transmitido direto da capital.

O rosto que vimos na televisão era o mesmo ao qual já estávamos habituados em coberturas internacionais. Clarissa Ward é um dos principais símbolos do jornalismo televisivo e esteve presente como pioneira em vários outros conflitos pelo mundo. Mas, dessa vez, ela estava diferente. A jornalista, que costuma usar roupas coloridas e o cabelo loiro preso em um penteado que é praticamente sua assinatura, não tinha nenhuma mecha de cabelo aparecendo debaixo do véu preto. A roupa conhecida como *abaya*, uma espécie de robe que cobre o corpo todo, também era preta, deixando apenas o rosto de Clarissa visível.

Aquela imagem me gerou certo estranhamento. Era esperado ver esse tipo de vestimenta entre as mulheres afegãs, mas as correspondentes também precisavam seguir essa regra? Outros colegas notaram a mudança em relação ao visual habitual da jornalista; comentamos brevemente e continuamos a cobertura. Nas redes sociais, por outro lado, a imagem viralizou e gerou centenas de publicações comparando uma reportagem de Clarissa gravada antes da volta do Talibã, usando roupas coloridas e o cabelo à mostra, com o véu e o *abaya* preto. Essas duas imagens, da jornalista “livre” e depois “presa”, circularam tanto pelas redes sociais que ela sentiu a necessidade de esclarecer alguns pontos em sua página do Twitter¹:

Este meme é impreciso. Na foto superior, eu estava dentro de um complexo privado. Na de baixo, estava nas ruas da Cabul governada pelo Talibã. Eu sempre usei um lenço na cabeça na rua em Cabul, embora não com o cabelo totalmente coberto e *abaya*. Portanto, há uma diferença, mas não tão gritante.²

Mesmo com aquela explicação, várias perguntas ainda passavam pela minha cabeça. Qual é a diferença das regras de vestimenta dentro do espaço público e privado? Por que uma jornalista de outro país está sujeita a isso? As mulheres que vivem no Oriente Médio querem usar o véu ou é só uma obrigação? Em

1 Disponível em: https://twitter.com/RZ123ZR_/status/1427639043706298377. Acesso em: 18 abr. 2023.

2 Minha tradução do original: “This meme is inaccurate. The top photo is inside a private compound. The bottom is on the streets of Taliban held Kabul. I always wore a head scarf on the street in Kabul previously, though not w/ hair fully covered and abbaya. So there is a difference but not quite this stark”.

todos os países da região elas usam o mesmo véu? Será que toda essa discussão existiria se o correspondente fosse um homem? Como ela se sentiu saindo do Ocidente e indo para o Oriente Médio, de onde já ouvi dizerem coisas terríveis? Como deve ser a experiência de ser uma jornalista em um país como esse?

O meu objetivo com este trabalho sempre foi o mesmo desde que comecei a me questionar sobre a experiência das correspondentes: eu queria entender até que ponto a realidade das mulheres no Oriente Médio era realmente tão horrível como eu já havia ouvido falar e até que ponto o espanto era causado apenas por um choque cultural. Também queria descobrir se as correspondentes estavam sujeitas às mesmas regras que serviam para as mulheres locais e como isso afetava o trabalho delas; se era mais difícil trabalhar tendo que mudar a forma de se vestir, de se comportar e de andar por aí, entre outras questões.

Tentei identificar durante o processo de apuração momentos em que as jornalistas foram vítimas de assédio nos países em que trabalhavam e se esse assédio era, de alguma forma, diferente do que experienciam nos países de origem. Além disso, queria entender como outras formas de tratamento diferenciado em relação ao gênero, como o acesso a determinados locais e fontes, influenciam a cobertura e o produto jornalístico final, principalmente em países em que homens e mulheres estão submetidos a regras diferentes.

Por fim, também tinha como objetivo compreender se esse período no Oriente Médio mudou a forma como as jornalistas entendem a experiência de ser uma correspondente mulher, se essa vivência reforçou noções pré-concebidas sobre desigualdade de gênero, liberdade sexual e religiosa, opressão e preconceito, ou se trouxe novos elementos que as fizeram conceber essas noções a partir de uma perspectiva diferente.

Uma ideia que sempre voltava à minha mente durante o processo de imaginar um livro que falasse sobre essa realidade era o quão esclarecedora e, ao mesmo tempo, intrigante foi a resposta de Clarissa Ward em relação à polêmica do véu. Foi só depois do pronunciamento dela nas redes sociais que a discussão sobre o tema se tornou menos maniqueísta. Muitas pessoas concluíam apressadamente que aquelas roupas com as quais, nós, ocidentais, não estamos habituados significavam necessariamente algo ruim, eram um símbolo de opressão e um marcador de deterioração da liberdade feminina, mas o curto depoimento da jornalista trouxe informações que acrescentaram um outro ponto de vista ao debate.

É evidente que a consulta de material bibliográfico acrescentou muito à concepção deste projeto, mas seria praticamente impossível escrever sobre a vida das correspondentes internacionais no Oriente Médio apenas por meio das observações de especialistas e de artigos acadêmicos. Por isso, saí em busca de jornalistas que tivessem passado algum tempo reportando dessa região e que estivessem dispostas a compartilhar seus relatos. As experiências dessas mulheres servem como combustível para alimentar uma série de perspectivas e reflexões às quais eu não teria tido acesso do outro lado do mundo – o que aconteceu foi praticamente uma expansão literal de horizonte. Procurando relatos interessantes e trabalhos em evidência na internet, selecionei mais de dez jornalistas com as quais eu gostaria de conversar e logo comecei a buscar maneiras de contactá-las. A ideia era privilegiar perfis diversos para contemplar o maior número possível de vivências particulares, mas a dificuldade de encontrar alguns contatos ou a simples falta de resposta foram responsáveis pelo processo de seleção.

Enviei e-mails e mensagens de texto até mesmo pelo Instagram explicando minha ideia para o projeto e pedindo um pouco do escasso tempo dessas mulheres para uma entrevista. Recebi cinco respostas positivas e, com isso, comecei a ler os materiais que essas jornalistas já tinham publicado, além de assistir e ler entrevistas para outros veículos. Todas as conversas foram realizadas por videoconferência, já que só uma delas estava no Brasil, e seguiram basicamente as mesmas perguntas, com ligeiras adaptações conforme a experiência que cada uma apresentava. Passei bastante tempo lendo e relendo tudo o que havia anotado sobre cada uma das gravações e selecionando relatos que apresentassem novos elementos e contribuíssem para a complexidade da discussão. Na tentativa de contar essas histórias, escrevi os capítulos subsequentes.

Deborah Amos foi a primeira entrevistada – personagem do primeiro capítulo e pioneira entre todas as outras. Ela começou a carreira de correspondente internacional no Líbano, na década de 1980, quando a presença das mulheres nos cenários de guerra ainda gerava muito espanto. A jornalista relembra momentos em que foi a única repórter mulher na sala e também as reações de total consternação que uma figura feminina causava em determinados ambientes. Por outro lado, ela nos apresenta uma visão panorâmica da mudança que observou ao longo dos anos, das colegas que se tornavam cada vez mais frequentes e da melhora na aceitação e credibilidade das correspondentes de guerra.

Bianca Zanini, a segunda mulher com quem conversei e também sobre quem desenvolvo o segundo capítulo do livro, é filha de brasileiros que fugiram da ditadura. Ela cresceu na Dinamarca, mas aos trinta anos se mudou para Israel, e compartilha sua experiência trabalhando em um dos maiores canais de televisão

do país. Habitante de Tel Aviv, Bianca não fecha os olhos para as discrepâncias e similaridades entre a vida das mulheres nos três países que marcaram sua vida e conta como é viver em meio ao conflito internacionalmente reconhecido entre Israel e Palestina. Ela relata ainda algumas das condutas religiosas às quais precisa se adaptar em determinadas regiões do país para evitar problemas, mas também reflete sobre o respeito à cultura local.

Clarissa Ward conta, no terceiro capítulo, os desafios de conciliar a maternidade com o reconhecimento internacional pelo seu trabalho como correspondente. Uma das jornalistas mais famosas do mundo, ela é também mãe de três filhos e fala sobre as dificuldades de encontrar equilíbrio na execução desses dois papéis. Clarissa reflete sobre o trabalho das correspondentes internacionais e sobre as precursoras que abriram o caminho para que ela possa atuar da forma como vemos hoje.

Frédérique Geerdink apresenta no quarto capítulo uma perspectiva radicalmente diferente das três entrevistadas anteriores. A holandesa é jornalista independente e trabalhou escrevendo sobre a política da Turquia durante anos, mas sua experiência mais marcante foi o ano inteiro em que viveu junto às guerrilheiras do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). O período que passou no acampamento alterou drasticamente a forma como Frédérique percebe a relação dos curdos com as mulheres, o papel feminino nas sociedades curdas e o movimento de autonomia das guerrilheiras como um todo.

Patrícia Campos Mello proporcionou o encerramento perfeito para a série de entrevistas e, por isso, falo dela no último capítulo. Ela é autora de uma história sensível sobre o amor no Curdistão sírio, combinada com uma realidade muito dura da luta contra a opressão. A jornalista nos convida a refletir sobre

os desafios da maternidade no exercício da profissão de correspondente e a olhar para os ataques cometidos contra as jornalistas mulheres dentro do nosso próprio país. Patrícia desfaz qualquer ideia possível de hierarquia entre o Brasil e os países do Oriente Médio quando relata o assédio que sofreu durante a cobertura de escândalos que envolviam a família do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Depois de toda a pesquisa e de ouvir atentamente tudo o que essas mulheres tinham a dizer sobre suas vivências, continuo sem saber responder a maior parte das perguntas que eu tinha no começo no projeto. Percebi que ainda é muito difícil escrever sobre o Oriente Médio sem transformar todos os países da região em um grande bloco homogêneo, com a pouca informação e conhecimento que temos sobre cada um, isoladamente. Foi possível observar também que, mais difícil ainda, é desfazer a associação quase instantânea entre cultura e religião islâmica e terrorismo e, ainda assim, olhar de forma crítica para grupos que cometeram atrocidades. Contudo, o mais importante foi compreender que essas eram perguntas genuínas e que perguntar era a única forma de talvez conseguir entender.

Pensando sobre tudo isso, alguns denominadores comuns começaram a ficar claros para mim. Todo mundo ficou sabendo sobre o 11 de setembro pelo jornal, assim como sobre a volta do Talibã. As vinhetas, a grade de programação e o nome dos jornalistas que participaram da cobertura fazem parte de um marcador de tempo na memória das pessoas. Mesmo com as redes sociais, dependemos do trabalho dos jornalistas e do correspondente para entender o que acontece no mundo e tentar extrair algum sentido daquilo. Além do apreço pelo ofício, que ficou claro quando escolhi fazer a faculdade de jornalismo, foi assistindo ao

jornal que comecei a indagar e refletir sobre a realidade de um lugar em que nunca estive. Por esses e outros motivos, este livro não poderia ser sobre outra coisa senão sobre jornal.

Outro fator sempre presente eram as mulheres. A figura cujos trajes despertaram uma série de reações entre internautas furiosos era a de uma mulher. E as pessoas estavam indignadas com aquilo justamente porque a mudança da roupa representava uma realidade que atinge as mulheres. Essa mudança só chama tanta atenção do público porque está intimamente ligada, no nosso imaginário, com a ideia de uma (única) cultura que oprime e limita mulheres. A minha experiência pessoal no mundo do jornalismo, tanto como profissional quanto como espectadora, também sempre passa inevitavelmente pelo fato de que sou uma mulher. Por esses e outros motivos, este livro não poderia ser sobre outras pessoas senão sobre mulheres.



Deborah

Como um porco-formigueiro

Deborah não sabe exatamente quantos homens estão tentando alcançá-la. Só sabe que corre rápido, com o microfone na mão, tentando desviar dos objetos que eles atiram contra ela. A adrenalina orienta o caminho, o destino final um prédio distante com uma fachada de vidro que pode servir de abrigo. Cerca de cinco andares – ela conta rapidamente –, grande o suficiente para encontrar proteção. Ela sabe que Rick também corre atrás dela, junto com os outros homens, segurando os equipamentos. A entrada ao vivo teria sido em apenas alguns minutos, se não fosse toda a confusão.

Ela não entende completamente como tudo começou, reagiu por instinto de autoproteção. Não foi exatamente racional revidar um ataque. Principalmente, sendo mulher. E no Paquistão.

A dor tenta chamar sua atenção para o corte na parte de trás da cabeça, mas ela não se lembra de ter sido atingida. Depois, ela descobriria que o machucado foi consequência de uma das pedras que passaram de raspão.



O distrito de Prospect Park é uma pequena região de Nova Jersey, nos Estados Unidos. O bairro, fundado por imigrantes holandeses, foi incorporado ao estado por um ato legislativo em 1901, e abriga cerca de seis mil habitantes, segundo o censo de

2021¹. Foi ali que Deborah Amos passou os primeiros anos de sua infância, na década de 1950, cercada por outros descendentes holandeses com quem compartilhava uma cultura.

Tudo mudou quando seu pai, que havia trabalhado para uma fabricante de aeronaves chamada Wright Aeronautical, recebeu uma proposta de emprego na Flórida, onde se tornaria um dos mais de quinhentos chefes de família convidados para trabalhar nos esforços da corrida espacial. Na década de 1960, os Estados Unidos começavam a mobilizar todo seu arcabouço tecnológico com o objetivo de superar a União Soviética na missão de realizar a primeira viagem ao espaço.

No sul do país, quase ninguém entendia o que significava a ascendência dos Amos. O próprio sobrenome era uma derivação do holandês *Emos*, mas isso não explicava para as outras crianças o porquê do sotaque diferente de Deborah. Era estranho até mesmo para ela tentar se encaixar em uma só nacionalidade: não era exatamente holandesa, porque havia nascido do outro lado do Atlântico, mas também não se sentia muito norte-americana.

Hoje, ela acredita que esse sentimento de dupla identidade foi parte do que a motivou a começar sua trajetória como jornalista: tentar mostrar para o mundo qual é a sensação de não pertencer a um grupo só.

O primeiro emprego de Deborah foi em uma televisão local, contratada como parte do programa de ações afirmativas de inclusão decretado pelo presidente John F. Kennedy, na década de 1960². Muitos anos depois, uma jornalista da ABC News per-

1 Disponível em: <https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/prospectparkboroughnewjersey/SBO050217>. Acesso em: 25 maio 2023.

2 Em março de 1961, o presidente John F. Kennedy emitiu uma Ordem Executiva que incluía uma cláusula de que os contratados do governo “tomassem ações afirmativas para garantir que os candida-

guntaria a Deborah sobre o início de sua carreira e ficaria confusa com essa explicação: “*Ação afirmativa? Mas você era o quê?*”. Deborah considera uma vitória o fato de que não a tenha ocorrido que uma mulher não conseguia um emprego em uma redação tão facilmente.

Os desafios, porém, iam muito além de apenas conquistar a vaga. Não era incomum ser a única mulher dentro das redações, já que o número de vagas de ação afirmativa costumava ser muito baixo. No caso de Deborah, para que ela entrasse, outra mulher, que dividia seu tempo entre dois empregos e não estudava comunicação, teve que sair. Também não era raro ter que aguentar assédio por parte dos homens durante as entradas ao vivo, que chegavam a abaixar as calças ao fundo das gravações.

Motivada pela vontade de sair da Flórida e do ambiente machista da televisão, Deborah se mudou para Baltimore, no estado de Maryland, onde começou o curso de pós-graduação e conheceu seus primeiros colegas que trabalhavam na National Public Radio, a NPR. A rádio, financiada por instituições públicas e privadas, foi ao ar pela primeira vez em 1973, no mesmo dia em que mais de 20 mil manifestantes se reuniram em Washington D.C. para protestar contra a Guerra do Vietnã. Os amigos de Deborah a alertavam sobre as vagas abertas e a incentivaram a se candidatar. Foi assim que sua longa história com a NPR, onde trabalha até hoje, começou.

tos fossem empregados e os funcionários fossem tratados durante o emprego, independentemente de raça, credo, cor, ou de origem nacional” (History of Executive Order 11246) (Minha tradução do original: “to ‘take affirmative action to ensure that applicants are employed, and that employees are treated during employment, without regard to their race, creed, color or national origin’”). Em 1967, Lyndon B. Johnson alterou a ordem para incluir o gênero na lista de atributos.

As primeiras tarefas na emissora eram mundanas, ela aprendia sobre o mundo do rádio enquanto realizava as atividades geralmente rejeitadas por jornalistas mais experientes. Transcrições, arquivos, papelada burocrática, tudo isso ainda é comumente endereçado aos profissionais que chegaram há pouco tempo nas redações.

Em uma dessas ocasiões, Deborah recebeu o que parecia ser apenas mais uma tarefa maçante, mais de quinhentas fitas cassete cedidas à NPR por um jornalista chamado Jim Reston. Ele escrevera um livro no ano anterior e havia usado as fitas para documentar a pesquisa, mas agora, sem outra utilidade, a rádio decidiu tentar aproveitar o material.

A jovem jornalista foi instantaneamente cativada pelo conteúdo. As gravações contavam a história de Jim Jones, um homem branco da Califórnia, líder religioso de um grupo conhecido como Templo do Povo, cuja maioria dos fiéis eram negros. A congregação ganhou a atenção da mídia na década de 1970, quando se especulava que até mesmo políticos famosos frequentavam as reuniões. Jones tornou-se paranóico quanto às alegações, e há relatos de que o líder chegou a afirmar ser a reencarnação de figuras como Buddha e Ghandi. Liderados pelo guia e fugindo dos holofotes, o grupo se mudou para Jonestown, cidade na Guiana.

O congressista americano Leo Ryan foi assassinado durante uma visita para averiguar a situação no Templo do Povo. Na mesma noite, Jim Jones e mais de novecentos fiéis foram encontrados mortos após beberem cianeto, em um suicídio coletivo, que ficou conhecido como o Massacre de Jonestown.

Deborah produziu um documentário de mais de uma hora para a NPR sobre o caso, *Father Cares: The Last of Jonestown*. O

programa gerou tanta repercussão que moradores de Jonestown ligavam para a emissora relatando suas lembranças sobre o caso. O caso chegou até o Brasil nos anos 1980, por meio da reinterpretação do pastor pelo humorista Chico Anyasio. A *sketch*³, transmitida pela Rede Globo, mostrava o personagem Tim Tonnes, que vendia créditos de felicidade para fiéis alienados.

O documentário de Deborah rendeu à NPR, em 1982, o prêmio duPont-Columbia, que homenageia as principais produções do radiojornalismo, além do National Headliner Award e o Prix Italia. A visibilidade do programa abriu portas dentro da NPR: ela passou a produzir outros programas mais longos, mas também a participar de peças menores, voltadas às notícias diárias, além de viagens para produções no Canadá e na Alemanha. “*Eu fui a garota de ouro da NPR por algum tempo, mas as coisas começaram a mudar. Eles queriam notícias, notícias e mais notícias, e ficou claro para mim que eu precisaria me tornar correspondente se quisesse sobreviver ali dentro*”, ela explica. Dito e feito: em 1985, já reportava do outro lado do Atlântico.



A primeira viagem de Deborah ao Oriente Médio foi em 1980, ainda como produtora de Robert Siegel, então apresentador do noticiário noturno *All Things Considered*, da NPR. A realidade de Israel e da Palestina era bem diferente: era possível atravessar o território de carro livremente, não existiam muitos pontos de controle. Os *checkpoints*, como são conhecidos internacionalmente, são estações de fiscalização frequentemente te-

3 Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2986763/>. Acesso em: 25 maio 2023.

midas pelos correspondentes, já que a presença da mídia tende a gerar desconfiança e os materiais registrados são, por vezes, apreendidos pelos guardas. “*A gente simplesmente dirigia por toda parte, viajamos por mais de duas horas entre Jenin e Ramallah*”⁴. *Era incrível, de certa forma, quando penso nisso*”, ela relembra.

Na época, Deborah acreditava que seria simples equilibrar as reportagens, porque não fazia parte de nenhum dos grupos envolvidos no conflito. É uma premissa interessante, mas, no contexto das relações internacionais, geralmente falha. Produzindo para um veículo dos Estados Unidos, era esperado que os interesses dos israelenses, grupo forte de *lobbying* e aliados estratégicos dos americanos no Oriente Médio, estivessem mais alinhados com o senso comum do público. Depois de várias experiências como essa, ela percebeu que o equilíbrio entre as duas versões costuma desagradar ambos os lados.

Em 1982, já como correspondente e ainda carregando o sucesso do documentário sobre Jonestown, viajou para Beirute para cobrir a Guerra Civil do Líbano e a invasão do país por Israel – a Organização para a Libertação da Palestina havia recrutado militantes entre refugiados e expatriados no Líbano. Deborah aprendeu rapidamente que ninguém está preparado para o que vai encontrar até ver a guerra com os próprios olhos. Onde há miséria, sofrimento e tragédia, também há riqueza, ostentação e desigualdade.

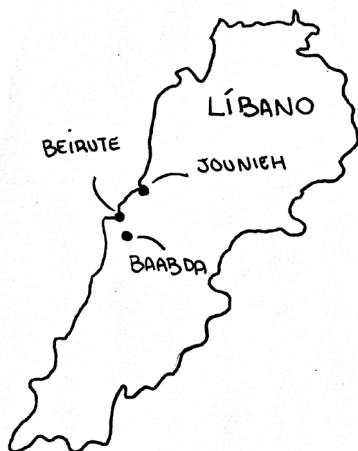
“O aeroporto havia sido fechado, então tivemos que pegar um navio cargueiro vindo do Chipre. Foi uma viagem durante a madrugada, tinha muita gente. Era fedido. E eu me lembro que, chegando no porto de Jounieh, a poucos quilômetro de Beirute, tinham pessoas praticando esqui

4 As cidades de Jenin e Ramallah ficam separadas por 102 quilômetros, na Cisjordânia. Ramallah está situada a cerca de 20 quilômetros de Jerusalém.

Por que as mulheres vão à guerra?

aquático... E eu pensava 'que tipo de guerra é essa? O que essas pessoas estão fazendo?'".

Logo se tornou óbvio que o conflito não atingia todas as regiões de Beirute de maneira uniforme, e que, a poucos quilômetros, nas montanhas do Líbano, era possível apreciar um lindo jantar com o melhor peixe e vinho da sua vida, enquanto assistia à guerra. Era como um cronômetro para os jornalistas, que se reuniam pela manhã nos locais afetados para entrevistar os moradores, gravar imagens e enviar o sinal ao vivo para as sedes. A guerra tinha hora marcada, começava às quatro da tarde, horário a partir do qual a maioria dos correspondentes voltava para a cidade vizinha de Baabda, e participavam de coletivas de imprensa com representantes israelenses. Os moradores não tinham a mesma opção.



O trabalho de correspondente de guerra, na maioria das vezes, pode ser otimizado com algumas outras estratégias, que Deborah enumera de cabeça: “*seja esperto e observe o que os outros*

estão fazendo; vá em grupo; e esteja alerta o tempo todo. Então, você pode ter quase certeza de que não vai morrer, e se o escritório perceber que você se saiu bem da primeira vez, vão te mandar de novo”.

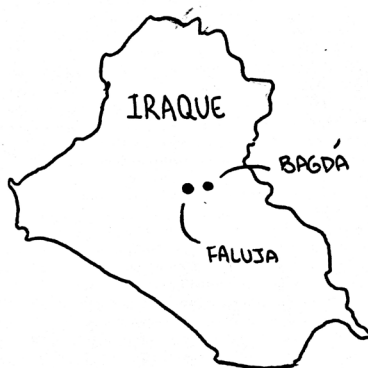
Os jornalistas que eram constantemente enviados por seus veículos para esse tipo de cobertura tornavam-se conhecidos, até amigos. Na viagem a Beirute e em outras que se seguiram nos primeiros anos de Deborah como correspondente, não havia muitas mulheres entre os colegas, mas ela viu o número começar a aumentar. *“Em 1982, havia uma correspondente sueca chamada Agnetha Romberg, e ela era a única outra mulher. Nós éramos uma dupla muito engraçada porque ela era uma loira grande e alta, e eu tenho os cabelos castanhos e sou muito baixa. Fizemos rádio juntas... Ela teve que fazer as entrevistas em inglês, porque não dava pra fazer em sueco. Éramos só nós, não havia muitas mulheres, então falávamos muito sobre isso.”.* Era uma ajuda positiva, trocar experiências com outras jornalistas e apoiar uma à outra. Ela mantém contato com alguns dos colegas de campo até hoje.

A presença de uma mulher nos cenários de guerra costumava despertar curiosidade. Não a presença das mulheres locais, mas principalmente a figura de uma mulher do Ocidente, que vinha a um trabalho predominantemente masculino. Não foram raras as ocasiões em que Deborah se viu como a única jornalista mulher em uma sala, e as pessoas não hesitavam em apontar o fato.

De certa forma, tamanho espanto ao avistar uma jornalista mulher já salvou a vida de Deborah, durante uma cobertura na cidade de Faluja⁵, no Iraque.

5 Faluja foi fortemente afetada pela invasão dos Estados Unidos ao Iraque, em 2003, e permaneceu sob domínio do Estado Islâmico de 2014 a 2016. A cidade fica a cerca de 65 quilômetros da capital Bagdá.

Por que as mulheres vão à guerra?



Ela e um tradutor aguardavam em uma estação policial, vestindo coletes à prova de bala em que se lia “imprensa” em letras garrafais. Não havia outras mulheres na sala. Tudo seguia normalmente, nenhum sinal de conflito na região. Até que um soldado americano aparece em frente à porta da estação, tentando checar quem está dentro do prédio. Observa as outras pessoas que circulam pela delegacia, vê duas figuras identificadas com um colete de imprensa, mas não esboça nenhuma reação. Porém, quando seus olhos fixam em Deborah, grita:

“Senhora, que porra você está fazendo aqui?!”

“Viemos fazer algumas entrevistas”, Deborah explica.

“Você precisa sair imediatamente” – ele continuava gritando, cada vez mais agitado – “Esse prédio vai ser destruído pelo fogo cruzado em menos de quinze minutos!”

“O quê...? Como? Onde?”

“Saia! Imediatamente!!!”, o soldado exclamou uma última vez.

Deborah e o tradutor correram sem rumo e sem ideia alguma de quais seriam as áreas atingidas, até que o som da primeira explosão marcou o fim dos quinze minutos anunciados pelo soldado. Momentos como esse eram os mais assustadores,

eram prova de que mesmo cumprindo todos os protocolos, não havia garantia de que você não estaria no lugar errado, na hora errada.

Mas ser mulher também podia colocar as correspondentes exatamente no lugar e momento perfeitos para uma cobertura. Durante a Guerra do Golfo, em 1991, o príncipe da Arábia Saudita convidou jornalistas dos veículos mais relevantes para um jantar. A lista era pequena: The New York Times, The Wall Street Journal e The Washington Post, e Deborah Amos, da National Public Radio, que não se comparava em termos de público. Todos os convidados se perguntavam a mesma coisa, “o que ela está fazendo aqui?”. A resposta é que, na época, homens e mulheres não podiam comer juntos na Arábia Saudita, a regra vinha de uma interpretação da Sharia, conjunto de normas e condutas derivadas do Alcorão. A determinação mudou em 2019, quando Ministério de Municipalidades e Assuntos Rurais definiu que os restaurantes do país não seriam mais obrigados a oferecer acessos e espaços separados por gênero. No entanto, quase trinta anos antes, o príncipe queria jantar com uma mulher.

Era como ser um animal fora de seu habitat natural: “*Eu costumava dizer que eu era um porco-formigueiro, você já viu?*” – o porco-formigueiro, ou aardvark, é um mamífero com focinho de porco, formato de tamanduá e orelhas de burro, encontrado em savanas no sul da África. “*Então, ninguém nunca tinha visto um porco-formigueiro, e tinha um visitando o país, então pensavam ‘vamos chamá-la pra jantar?’*”.

Em situações como essa, Deborah tinha certa vantagem em relação aos colegas. Não eram todos os jornalistas que conseguiam visitar a casa dos moradores locais, conversar com as mulheres e crianças a sós. Os costumes dizem que homens não

devem falar diretamente com mulheres com quem não têm nenhum tipo de parentesco, quem dirá sem a presença de outro homem. Mas são as mães, as irmãs e as esposas quem carrega a história dos bastidores da guerra, quem faz a cidade e a vida cotidiana continuar apesar do conflito.

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha⁶ ressalta que

os conflitos armados afetam muito a vida das mulheres e podem mudar completamente seu papel na família, na comunidade e no domínio público. A ruptura ou desintegração das redes familiares e comunitárias força as mulheres a assumir novos papéis. Os conflitos armados criaram um grande número de lares chefiados por mulheres, onde os homens foram recrutados, detidos, deslocados, desaparecidos ou mortos. As mulheres invariavelmente têm de assumir maior responsabilidade por seus filhos e parentes idosos - e muitas vezes pela comunidade em geral - quando os homens da família se foram. [...] O aumento da insegurança e do medo de ataques muitas vezes faz com que mulheres e crianças fujam, formando a maioria dos refugiados e deslocados do mundo. As mulheres são as chefes de famílias, assumindo a responsabilidade de ganhar a vida, cuidar de fazendas e animais, negociar e serem ativas fora de casa - atividades tradicionalmente realizadas por homens. Isso requer o desenvolvimento de novos métodos de enfrentamento habilidades e confiança, exigindo coragem e resiliência para ajudar a sustentar e reconstruir famílias e comunidades dilaceradas pela guerra.⁷

6 (LINDSEY, 2021, p. 30).

7 Minha tradução do original: “Armed conflicts greatly affect the lives of women and can completely change their role in the family, the community and the “public” domain. This is normally unplanned. The breakdown or disintegration of family and community networks

Poder conversar com essas figuras que sustentam comunidades durante períodos de adversidade extrema garantiu a Deborah uma compreensão mais complexa da engrenagem social. Ouvir os relatos de mulheres que participavam de diferentes lados da guerra possibilitou a ela e a outras jornalistas mulheres que a seguiram reportar histórias que antes permaneciam na escuridão. Em certa ocasião, uma colega de Deborah entrevistou um quartel-mestre do exército americano – patente encarregada da administração financeira e do abastecimento de unidades militares – que se queixava da distribuição de mantimentos enviados pelos Estados Unidos enquanto procurava algo dentro das mochilas: *“Eles continuam mandando sacos para cadáveres, mas não estamos precisando de mais sacos, precisamos de absorventes! Agora não tem ninguém morrendo, mas todas estão menstruadas”*. Não fosse uma quartel-mestre mulher, talvez a unidade jamais soubesse da necessidade das soldadas e civis por absorventes. Não fosse uma jornalista mulher, talvez essa história jamais teria sido publicada.



forces women to assume new roles. Armed conflicts have created large numbers of female-headed households where the men have been conscripted, detained, displaced, have disappeared or are dead. Women invariably have to bear greater responsibility for their children and their elderly relatives - and often the wider community - when the men in the family have gone. [...] Increased insecurity and fear of attack often causes women and children to flee, so they form the majority of the world's refugees and displaced. Women are heads of households and breadwinners, taking over responsibility for earning a livelihood, caring for farms and animals, trading, and being active outside the home - activities often traditionally carried out by men. This necessitates the development of new coping skills and confidence, requiring courage and resilience to help sustain and rebuild families and communities torn apart by war.”

Por que as mulheres vão à guerra?

“Eu conheci o meu marido em Beirute, em 1982. Não há outra guerra, ou nenhuma outra história, onde nosso encontro e nosso namoro teriam sido possíveis.”

O aeroporto tinha sido fechado e toda a comunicação via satélite desligada. Por isso, os correspondentes não podiam enviar o sinal de Beirute para as sedes nos Estados Unidos e na Europa. Havia dois táxis e uma balsa, que levavam os jornalistas para áreas em que a conexão era melhor, um para Israel, um para a Síria e um para o Chipre. Quem chegasse primeiro, enviava o material para Nova York. Era a única maneira de garantir que todo o pacote chegaria lá intacto, porque vinha de três lugares. Deborah terminou de arquivar o conteúdo às sete horas da noite. Outro jornalista, que ficava no mesmo hotel, terminou às nove horas. Era Rick Davis, correspondente de guerra da NBC.



Os outros colegas que trabalham em emissoras de televisão quase nunca terminavam de enviar todo o material antes da meia-noite, era preciso arrumar maneiras de passar o tempo. Em dois meses e meio de cobertura, pegando táxis e balsas todos os dias, Deborah e Rick decidiram passar o tempo em um jantar.

“Você pode decidir de um jeito ou de outro se você vai se apaixonar. Então, eu decidi. Esse trabalho é mais fácil se você estiver com seus amigos ou pessoas com quem forma uma conexão em uma situação de guerra. Você faz isso o tempo todo. Se ele não estivesse lá, teria feito isso de qualquer maneira. Porque é tão estressante para as suas emoções, para a sua saúde, para o seu bem-estar, que você precisa compartilhar com alguém. Caso contrário, não vai conseguir, fazer isso sozinho é quase impossível. E existe a atração. Compartilhar o tipo de risco que você está correndo diminui a pressão.”

Deborah e Rick se casaram nove anos depois, mas nunca tiveram filhos. Ela não acreditava que seria possível ser mãe sendo correspondente de guerra, havia visto colegas da mesma geração vivendo um conflito entre a vida pessoal e profissional. *“Christiane Amanpour estava fazendo o que eu fiz até ter seu primeiro filho, e, depois, ela voltou para casa. Geraldine Brooks fez o que eu fiz até ter seu primeiro filho, aí ela voltou e escreveu romances. É só... é assim que acontece”*. A âncora chefe da CNN International, Christiane Amanpour, relatou durante uma entrevista com a Oprah⁸ que achava que conseguiria vestir seu filho em fraldas à prova de bala e continuar trabalhando normalmente, mas essa ideia mudou completamente quando a criança nasceu. Sua própria segurança, que antes repercutia apenas sobre si mesma, tornou-se uma questão de responsabilidade. Era preciso sobreviver. Rick já tinha uma filha antes de conhecer Deborah, e anos depois virou avô, mas concordava com Deborah que o trabalho era demais.

“Rick e eu fomos uma exceção que contrariou a regra. Há inúmeros romances de guerra, acredite em mim, são muitos mesmo. Mas quase nenhum deles dura, e nós continuamos firmes durante 36 anos. Foi uma experiência extraordinária conhecer um jornalista daquela forma. Tudo é

8 Disponível em: <https://www.oprah.com/omagazine/oprah-interviews-christiane-amanpour-cnn-reporter/6>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

Por que as mulheres vão à guerra?

intensificado em uma zona de guerra... Você se pergunta 'por que eu faço isso?', e eu faço porque, sim, você vê o pior das pessoas — não há dúvida acerca disso —, mas você também vê o melhor. Você vê pessoas comuns fazendo coisas extraordinárias no meio do caos”.

Rick Davis morreu no dia 24 de janeiro de 2019.



Amarrar um torniquete, fazer compressões torácicas, se esquivar de arame farpado e negociar em situações de perigo fazem parte de um treinamento básico de um correspondente de guerra contemporâneo. Existem cursos especializados em ensinar jornalistas a cobrir eventos nos chamados “ambientes hostis”, e grandes emissoras internacionais oferecem acompanhamento psicológico entre as missões para garantir que o repórter consiga lidar com os efeitos de participar de um conflito. Mas, por muito tempo, o jogo de cintura foi a única ferramenta de Deborah e de outros jornalistas para sair de situações difíceis, e que hoje rendem algumas risadas. O primeiro treinamento formal de que participou foi em 2019, quase trinta anos depois da primeira detenção.

A Bósnia-Herzegovina era palco de uma guerra que deixou mais de cem mil mortos, durante a fragmentação das repúblicas que constituíam a Iugoslávia. A Sérvia atacava a cidade de Sarajevo e outras regiões do país, dividido entre muçulmanos, cristãos ortodoxos e católicos. Deborah passava por Bihać, cidade próxima à fronteira com a Croácia e especialmente atingida pelos bombardeios, ao lado do correspondente Bobby Block, do

The Wall Street Journal. Era preciso usar coletes à prova de bala e capacetes o tempo todo, o trajeto era tenso e perigoso.

Conseguir atravessar a cidade foi um alívio! Deborah e Bobby estacionaram já desesperados para tirar os equipamentos de proteção, na tentativa de convencer a si mesmos de que o perigo havia passado. Esvaziaram os bolsos rapidamente, apoiando tudo no capô do carro, enquanto soltavam as fivelas dos capacetes e se desenrolavam dos coletes. Finalmente, estavam seguros e podiam voltar para a estrada.

A primeira parada foi em um ponto de controle dos sérvios.

“Passaportes, por favor”, pediu o guarda.

Deborah bateu os bolsos para pegar o documento. Nada. Bobby revirou a mochila. Nada. Procuraram em todos os cantos do carro. Nada. Nada. Nada.

Foi difícil explicar aos sérvios por que dois jornalistas americanos andavam por uma zona de guerra sem o principal documento de identificação. Foram mais de dois dias tentando convencê-los de que os pertences haviam sido esquecidos sobre o capô do carro e foram levados pelo vento da estrada. Acontece que os passaportes haviam sido encontrados algumas horas antes por moradores locais, que entregaram as cadernetas para as autoridades sérvias. Os guardas, por sua vez, suspeitavam que os documentos fossem falsos: acreditavam que Deborah e Bobby não existiam de verdade, eram apenas identidades adotadas por dois espões que atravessavam a Bósnia. Quando os jornalistas chegaram ao *checkpoint*, a prisão já estava decretada.

Mais de 36 horas se passaram sem que o escritório da NPR recebesse nenhuma notícia do paradeiro de Deborah. Tampouco o The Wall Street Journal sabia onde estava Bobby Block. *“Eles não conseguiam acreditar que nós tivéssemos sido tão estúpidos, e era*

Por que as mulheres vão à guerra?

um argumento difícil de rebater. Mas éramos apenas burros, e não espões! Eventualmente, a embaixada americana conseguiu arranjar a nossa liberação, mas foram muitas horas de negociação e muitas conversas com pessoas de Washington”.

O outro dilema foi na Somália, quando Deborah cobria a chegada da Marinha em uma pequena cidade assolada pela fome. Duas tribos brigavam pelo território. Para entrar na cidade, era preciso contratar os chamados “técnicos”, atiradores que ficam na cabine dianteira de um caminhão. O número perfeito era quatro: quatro técnicos que formavam maioria diante dos três guardas nos postos de controle, garantindo a passagem do veículo.

Duas casas na cidade haviam sido reservadas para os jornalistas, Deborah e a equipe da NPR descarregaram o caminhão e se alojaram na segunda. Quando todos terminaram de se acomodar, os técnicos apontaram as armas.

“*Vocês não estão nos pagando o suficiente?*”, um dos homens armados acusou.

“*Won, won, won. Calma aí! Estamos, sim! Era o combinado!*”, respondeu um dos integrantes da equipe.

“*Não, não, a CNN está pagando mais. Ou vocês igualam o pagamento, ou atiramos em todos*”, avisou outro técnico.

“*Nós não temos mais dinheiro*”, Deborah disse.

“*Bom, então é melhor começarem a procurar.*”

A jornalista e um colega dirigiram-se até a casa ao lado, onde os outros correspondentes estavam alojados, enquanto o restante da equipe permaneceu sob a mira dos técnicos. Emprestaram três mil dólares e voltaram para negociar, torcendo para que a quantia fosse suficiente. Por sorte, o grupo aceitou a oferta e concordou em fazer um recibo. O documento lia:

“Nós, da *National Public Radio*, entregamos, sob coação, a quantia de três mil dólares a esses caras”. Os técnicos, que mal falavam inglês, assinaram o papel. Quando a negociação terminou, perguntaram se ainda podiam trabalhar para a rádio.



A entrada ao vivo seria em apenas alguns minutos. Deborah e Rick preparavam os equipamentos, ela reportaria para para a NPR, e ele, para a NBC. O escritor britânico-indiano Salman Rushdie publicara seu livro *Versos Satânicos* no fim do ano anterior, 1988, gerando indignação entre grupos religiosos muçulmanos. O título é uma referência a uma passagem do Alcorão em que o profeta Maomé teria se deixado confundir e louvado três outras divindades, contradizendo o princípio de que Allah é o deus único e absoluto.

Os jornalistas cobriam a primeira grande demonstração contra a obra de Rushdie, em Islamabad, capital do Paquistão. Poucos dias depois, o então líder do Irã, aiatolá Khomeini, emitiria uma *fatwa*⁹ contra o escritor, uma sentença de morte em punição contra a blasfêmia que perdura até hoje. Deborah segurava o microfone e ensaiava as primeiras frases da transmissão. *Pelo menos seis pessoas morreram e outras oitenta ficaram feridas em um protesto contra o livro Versos Satânicos no Paquistão. Os manifestantes atacaram o centro cultural dos Estados Unidos em Islamabad e a polic...*

Ela não entende completamente como tudo começou. Quando sentiu alguém apertar sua bunda, reagiu por instinto

9 A palavra árabe, que pode significar “explicação” ou “esclarecimento”, é um decreto ou decisão de uma autoridade religiosa reconhecida sobre um aspecto da lei islâmica.

e atingiu em cheio o rosto do homem paquistanês com o microfone. Não foi exatamente racional revidar um ataque em um momento como esse, mas era tarde demais, e era preciso fugir.

O homem se recupera do impacto do microfone e parte para cima de Deborah, acompanhado por outros que se juntam a ele. Ela não sabe exatamente quantos são, mas, enquanto corre, sente as pedras que eles arremessam em sua direção passando cada vez mais perto. Não há muito tempo para pensar no melhor abrigo, e ela escolhe um prédio de vidro alguns metros à frente.

Rick também corre atrás dela e dos outros homens, segurando os equipamentos, sem saber como protegê-la. A única coisa que consegue pensar em fazer é começar a gravar. Milhares de pessoas assistem à corrida de Deborah, inclusive os pais da jornalista, do outro lado do mundo. Eles vêem o momento em que uma pedra atinge sua cabeça.

Ela finalmente chega ao prédio e sobe as escadas o mais rápido que pode, enquanto os homens quebram o vidro das janelas do andar de baixo. É uma redação de jornal. Rick chega logo em seguida, ela sente o alívio invadindo seu corpo. Os homens foram embora, e a equipe do jornal tenta entender o que aconteceu. Alguns procuram machucados em seu corpo, outros tentam ligar para a embaixada e para a NPR. Foi um susto, mas, por ora, Deborah estava segura.



Bianca

Quando em Roma...

Bianca participava de uma cobertura em uma área árabe de Jerusalém atingida por um ataque, durante a pandemia de Covid-19. O perímetro estava cheio de policiais, que analisavam os danos e procuravam por feridos. Já fazia bastante tempo que ela estava por ali, focada em captar os detalhes da cobertura. O cinegrafista e os outros jornalistas circulavam pelo local, só havia uma outra mulher. A bexiga havia começado a dar os primeiros sinais alguns minutos antes, inconveniente diante da notícia. Não dava mais para segurar. Ela se aproxima da outra jornalista e tenta chamar sua atenção.

“Oi, tudo bem? Você quer ir ao banheiro comigo?”, Bianca pergunta.

A jornalista responde aliviada: *“Ai, meu Deus! Ainda bem que você perguntou, eu quero, sim!”*. Às vezes, horas se passavam sem que Bianca encontrasse outra mulher para acompanhá-la. Não dava para ir sozinha.



Crescida na Dinamarca como filha de brasileiros, Bianca sente que pertence mais ao mundo do que ao pequeno país europeu de 5 milhões de habitantes. Seus pais sempre foram politicamente ativos: o artista plástico José Vasconcelos e a pianista Valéria Zanini deixaram o Brasil em 1973, quando

a ditadura fechava o cerco sobre as instituições culturais consideradas ‘subversivas’, e a instituição onde ele

lecionava era particularmente visada. Quando o artista se recusou a assinar um documento em apoio à “política cultural” dos militares, subitamente, caiu em desgraça. “Me deram uma semana para sair do país”, ele conta. (PEREIRA; CHAVES, 2018).

O período no Chile foi curto e turbulento, já que, no mesmo ano, o governo democrático de Salvador Allende também seria substituído por um golpe de Estado. Assim, a família foi parar na Dinamarca, onde Bianca nasceu dez anos depois.

Dentro de casa, os pais falavam português, e ela aprendeu a ler e a escrever lendo gibis da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, como muitas outras crianças brasileiras. Mesmo tendo sido oficialmente alfabetizada em dinamarquês, o conhecimento da língua materna dos pais virou ferramenta de trabalho durante o período em que foi correspondente em Israel para a Record TV, mais de vinte anos depois. “*Às vezes, eu preciso de um pouquinho de ajuda, porque eu nunca tinha trabalhado em português antes. Nos primeiros rascunhos, precisei de mais ajuda que uma correspondente normal, mas a equipe logo percebeu que era só uma questão da língua mesmo.*” Sua familiaridade com o estudo de idiomas também resultou em projetos em inglês, francês e espanhol.

A história de Bianca, marcada pela política, despertou um interesse natural pelo tema. Ela queria ajudar a melhorar o mundo, contar histórias e informar as pessoas de uma forma leve. Somado ao gosto pela escrita, o apreço nato culminou em uma formação de jornalista: a trajetória começou em 2009, quando se mudou para os Estados Unidos para estudar na New York Film Academy e conseguiu um cargo de seis meses de assistente na equipe de comunicação da Organização das Nações Unidas (ONU). De volta ao país de origem, produziu documentários

independentes e trabalhou como produtora *freelancer* para alguns canais de televisão dinamarqueses. A experiência com o vídeo rendeu uma oportunidade de se tornar apresentadora em 2015, na VICE Media, um grupo com mais de 35 sedes pelo mundo que produz conteúdo para revistas, televisão e online. Então, tudo foi interrompido. Assim. Com um ponto final. Quando a mãe ficou doente, em 2016, Bianca parou de trabalhar, e dedicou seu tempo aos cuidados com a família. No mesmo ano, Valéria Zanini faleceu de câncer.

Foi assim que a ideia de se mudar para Israel tomou forma. Aos trinta anos, ela já tinha ido ao país algumas vezes durante visitas ao namorado da época, que morava lá, podia aprender hebraico. Estava afastada do mercado, se sentindo perdida, o pai havia retornado ao Brasil para passar um período próximo à família, e o relacionamento de Bianca, que já durava seis anos, estava ficando sério. “*Mas eu não queria me mudar pra cá assim, sem ter um trabalho, sabe? E aí eu descobri esse canal*”.

Era o i24NEWS. O canal, que foi ao ar pela primeira vez em 2013, é sediado em Israel e transmitido em inglês, francês e árabe por operadoras de cabo internacionais e sob mensalidade na internet. O foco dos programas é política e relações internacionais, mas a programação também cobre economia, tecnologia e defesa militar. Segundo a própria página do canal no LinkedIn¹, é “uma rede global de notícias do coração do Oriente Médio”.

A decisão de se mudar não foi totalmente impulsiva, o interesse de Bianca pela região vem desde menina. Ela se lembra da primeira vez em que ouviu falar de Gaza na televisão não entendeu muito bem o que tudo aquilo significava. Como correspondente sênior do i24NEWS, continua com a missão de compreender o conflito, mas, agora, do outro lado da tela.

1 Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/i24news/?originalSubdomain=il>. Acesso em: 18 abr. 2023.

A vida de Bianca em Tel Aviv é tranquila como a de outras mulheres, bem parecida com o que era na Dinamarca, na verdade. Ela trabalha, às vezes viaja para alguma reportagem, volta para casa, encontra os amigos e a família. “*Eu não sinto muito medo... não... eu não passo o meu dia com medo*”. Só de vez em quando, só quando toca aquele alarme inconsciente que a lembra de atravessar a rua ao ver um grupo grande de garotos. Só quando está sozinha no elevador com um homem. Só quando precisa andar sozinha para ir ao banheiro. Só em momentos em que tem pouco controle da situação. Só quando ouviu pelas primeiras vezes a sirene de alerta de míssil. Só quando tem algum tumulto, ou algum lugar mais perigoso. Enfim, tranquila, como a vida de outras mulheres.



“*Eu gostaria de dizer que não tem diferença nenhuma, mas tem*”. Bianca relata que, em sua experiência, os colegas homens têm mais respeito desde o momento em que entram em uma sala. Isso não se aplica apenas aos jornalistas, mas também a esferas mais amplas. As principais figuras no poder são homens, o presidente, Isaac Herzog, e o primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu. O setor militar, que influencia diversas áreas da vida cotidiana no país, também é tradicionalmente formado por uma maioria masculina.²

2 O Estado de Israel exige que todo cidadão israelense maior de 18 anos sirva nas Forças de Defesa. Mulheres religiosas estão isentas da obrigação. Uma vez listados, espera-se que os homens sirvam por um período mínimo de 32 meses, e as mulheres, por um período mínimo de 24 meses.

Para uma jornalista mulher, questões práticas tornam o cotidiano mais difícil: é importante não sair sozinha, usar a roupa certa. As situações mais delicadas para Bianca são quando vai para Jerusalém ou outras regiões de conflito. Nesses casos, o alarme inconsciente fica ligado o tempo todo, orientando sobre onde andar e o que vestir. No começo, ela insistia em alguns costumes que atraíam olhares curiosos, mas foi vencida pela experiência.

“Você vai cobrir essa história, é melhor ir de saia”, sua chefe dizia enquanto entregava a pauta do dia.

“Não, tá tudo bem, eu posso usar uma calça bem larga”, ela costumava argumentar.

“Não. Você vai de saia”, a chefe reforçava.

Em coberturas mais delicadas, é recomendado seguir os costumes do local. Tanto os judeus ortodoxos quanto os árabes muçulmanos da região reagem melhor a mulheres usando saias e vestidos compridos do que calças. A organização The Excellence Center/Engage in Palestine, que reúne cursos e programas de voluntariado para estudantes do mundo todo, explica em seu guia para turistas³ que “a Palestina é um país muçulmano, e muitas mulheres palestinas usam o hijab⁴ e cobrem totalmente seus corpos. Embora isso não seja esperado de não-muçulmanos e visitantes internacionais, roupas conservadoras ainda são adequadas”⁵. Já o portal Tourist Israel The Guide⁶ recomenda:

3 Disponível em: <https://ecpalestine.org/what-to-wear-in-palestine/>. Acesso em 18 abr. 2023.

4 Véu mais comum na cultura islâmica, que cobre os cabelos, a orelha e o pescoço.

5 Minha tradução do original: “[...] Palestine is a Muslim country and a lot of Palestinian women wear the hijab and fully cover their bodies. While this is not expected of non-Muslims and international visitors, conservative dress is still expected.”.

6 Disponível em: <https://www.touristisrael.com/what-to-wear-what-clothes-should-i-bring-to-israel/2164/>. Acesso em 18 abr. 2023.

para aqueles viajantes que planejam visitar locais religiosos como igrejas, mesquitas e o Muro das Lamentações, evitar saias e shorts curtos e camisas sem manga. Como a Cidade Velha de Jerusalém é densamente ocupada por locais religiosos, orientamos vestir-se com recato ao visitar esta área. [...] As mulheres cobrem os ombros, os joelhos e o peito. [...] Em centros religiosos judaicos, os homens devem cobrir suas cabeças com uma quipá⁷.⁸

Esse tipo de adequação à cultura local não é exclusivo do Oriente Médio. Existe até um provérbio da língua inglesa que diz: “*When in Rome, do as the Romans do*”, quando em Roma, aja como os romanos”. Bianca entende e respeita a etiqueta. “*A gente se adapta, é isso que eu quero dizer, eu não sou submetida às mesmas regras que as mulheres que moram lá, mas eu tento me adaptar um pouco para não criar problema.*”

Mesmo assim, não há garantia de passar totalmente despercebida. Bianca recorda uma viagem à cidade de Beit Shemesh, ou Bete-Semes, no distrito de Jerusalém. Ela cobria um protesto da população, formada em partes por judeus ortodoxos radicais, que pedia que as mulheres usassem vestimentas que cobriam o corpo todo e a segregação de gênero em alguns estabelecimentos. Bianca vestia uma saia longa, e estava acompanhada de um cinegrafista. Ela fazia uma entrada ao vivo para a i24NEWS,

7 A quipá é a boina usada por homens judeus para cobrirem a cabeça.

8 Minha tradução do original: “For those travelers who plan to visit religious sites such as churches, mosques, and the Western Wall, it is advisable to avoid short skirts, short shorts, and sleeveless shirts. Since the Old City of Jerusalem is densely populated with religious sites, we recommend to dress modestly when you visit this area. [...] Women cover their shoulders, knees, and chest when visiting these sites. [...] If visiting Jewish religious sites, men should cover their heads with a kippah.”.

entrevistando alguns dos manifestantes, quando um homem se aproximou e interrompeu a gravação, dizendo que a jornalista não poderia estar lá. Fazia parte de uma das reivindicações dos protestos, de que mulheres não pudessem andar no parque.

A princípio, Bianca manteve a postura e tratou a interrupção como material para a reportagem. Nada é melhor do que mostrar um exemplo ao vivo, e apesar da apreensão, estava focada no trabalho. *“É uma outra parte da gente que aparece, é muito difícil de ver e de viver essas coisas, mas é como se tivesse um ‘switch’: você está trabalhando, é outra coisa, você tá lá com uma missão.”*

No entanto, outros homens e meninos, que antes observavam a comoção de longe, começaram a se aproximar. Eles gritavam e atiravam objetos contra ela e o cinegrafista. Era hora de parar. De certa forma, o protesto foi bem-sucedido: Bianca foi embora, menos uma mulher naquele parque.



Apesar dos desafios, a figura feminina é menos suspeita e, diversas vezes, recebida com mais abertura entre os entrevistados. Bianca acredita que, em relação aos jornalistas homens, sua presença é menos intimidadora. *“Eu estou sempre arrumada, tenho sempre a unha feita, o meu jeito natural de ser é um pouco doce, então as pessoas não esperam uma entrevista dura, uma adversária”*. De fato, ela é uma mulher branca, de voz suave, e convencionalmente bonita, o que não inspira desconfiança. *“As pessoas costumam se abrir um pouco mais, abaixam as paredes. Acho que, por isso, eu tenho facilidade de conversar.”*

É mais difícil para uma mulher muçulmana conservadora ou judia ortodoxa conversar com um jornalista homem, principalmente, sem a presença de um pai, irmão ou marido vigilante.

Nesse sentido, as jornalistas mulheres saem ganhando. Bianca destaca também que as diferenças de gênero no exercício da profissão parecem ser mais relevantes em sociedades árabes do que em Israel, mas acontecem no mundo todo. Até mesmo no Brasil.

Durante a cobertura dos Jogos Olímpicos de 2016, sediados no Rio de Janeiro, a jornalista veio ao país com a missão de mostrar a realidade dos brasileiros por trás dos fogos de artifícios e aplausos que decoraram o evento. Uma das gravações foi em uma casa com prostitutas travestis e transexuais, que falavam sobre as suas dificuldades. Conversaram sobre gravidez, violência doméstica e a vida nas ruas, até que uma das mulheres comentou que estava com um problema de saúde no seio. “*Posso ver?*”, Bianca perguntou. Sem pestanejar, a mulher desabotoou a blusa, tirou o peito para fora do sutiã e mostrou. “*São nesses momentos que a gente tem mais abertura. Eu também me emociono um pouco, não começo a chorar no meio da entrevista, mas, muitas vezes, as pessoas gostam disto, sabe? De ver uma reação humana.*”

Bianca acredita que esse tipo de liberdade e o acesso a diferentes grupos pode ser algo que diferencia as coberturas feitas por mulheres. Isso não significa que os jornalistas homens sejam incapazes de navegar entre diferentes tipos de textos, fontes e assuntos, nem que o gênero seja um fator determinante para o tipo de cobertura realizado, mas, quando reflete sobre o trabalho dos profissionais com quem conviveu, ela interpreta algumas tendências: “*Eu acho que no fundo depende do tipo de jornalista, mais do que se você é homem ou mulher, mas, aqui, eu tenho visto que os homens são mais específicos com as questões do tipo e o tamanho das armas, o tipo de helicóptero, de ‘fighter jet’, de míssil, enquanto as mulheres contam mais a história do que aconteceu, talvez usem mais as histórias pessoais. Não é uma regra geral, mas é a minha experiência.*”



Bianca não tem um olhar passivo sobre o país em que vive e suas contradições. As regiões próximas à Faixa de Gaza são palco de intensos conflitos, mas a convivência entre árabes e judeus em Tel Aviv é relativamente positiva. A família do marido é de direita, enquanto os amigos e colegas do trabalho são mais de esquerda. *“Se bem que até a esquerda aqui é um pouco de direita”*. É um país complicado, que tenta encontrar um caminho entre um Estado democrático exclusivamente judeu, mas maravilhoso de se morar. Em discussões políticas mais acaloradas, Bianca escuta muito frequentemente que seus argumentos não valem, porque ela é uma pessoa de fora. Ao mesmo tempo, ela se sente muito mais em casa em Israel do que na Dinamarca. *“Lá, é tudo muito bonitinho, muito arrumadinho. Aqui, tem sempre um casal brigando na rua, falando alto demais, tem uma família com sete filhos, todo mundo rindo, tem uma vida mais bonita”*.



Quanto às mulheres, Bianca define as israelenses como duronas, e, às vezes, fechadas. Ela acredita que o motivo seja o período nas Forças de Defesa, sendo parte de uma equipe com homens militares. *“Ainda é uma sociedade bastante machista, mas o machismo daqui é diferente do que eu vejo no Brasil, porque a ideia da mulher forte aqui ainda é muito prevalente, mas atrelada a habilidades geralmente masculinas. Acho que no Brasil é um machismo mais tradicional, do tipo antigo que diz que o lugar da mulher é na cozinha. Aqui em Israel é um pouco diferente, as mulheres podem avançar mais facilmente na carreira, mas ainda tem aquela ideia do homem macho.”*

Por outro lado, enxerga o lugar onde vive como uma exceção à regra: *“Israel não é um país opressivo nessa questão das mulheres, é claro que existem comunidades onde tem, como eu falei, religiosos extremos, mais radicais. Mas, nas cidades grandes, aqui a gente anda de biquíni na rua se quiser, é o Rio de Janeiro do Oriente Médio.”* Os dados mais recentes divulgados pelo Ministério de Saúde de Israel⁹ mostram que, no ano de 2021, 7.366 pacientes mulheres foram identificadas e tratadas como vítimas de violência doméstica ou abuso sexual (das quais 42% tinham 12 anos ou menos), o que representa 0,15% da população feminina do país¹⁰. Já o Instituto de Segurança Pública do Rio¹¹ divulgou que, no mesmo ano, 6.255 mulheres foram vítimas de violência sexual no estado. A capital concentra 34,3% dos casos, ou seja, cerca de 2.520 ocorrências, contabilizando 0,075% da população feminina do município, se-

9 Disponível em: <https://www.gov.il/en/departments/news/2411-2022-02>. Acesso em: 18 abr. 2023.

10 O dado mais recente da população feminina de Israel, segundo o Banco Mundial, é de 4.695.549 mulheres, em 2021. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL.FE.IN?locations=IL>. Acesso em: 18 abr. 2023.

11 Disponível em: <https://www.isp.rj.gov.br/Noticias.asp?ident=539>. Acesso em: 18 abr. 2023.

gundo o IBGE¹². Ainda em 2021, a cidade do Rio também foi palco de mais de 20 feminicídios. Os dados incluem apenas os casos identificados, e estão sujeitos a subnotificação.

As particularidades e conflitos de Israel geraram boas oportunidades de cobertura para a carreira de correspondente de Bianca, mas é preciso estar preparada para qualquer coisa, a qualquer momento. *“Tem que ter muita vontade, porque é muito duro o trabalho como jornalista aqui, muito, é perigoso, é cansativo, tem sempre algo acontecendo, é bem repetitivo, e as pessoas têm muitas opiniões fortes”*. Ela conta que visões divergentes sobre a questão Israel-Palestina são motivo de discussão em muitos momentos. O assunto permeia até as coisas mais banais do cotidiano, como a foto de um prato típico israelense em uma rede social, em que os comentários têm pouco a ver com comida, mas muito com geopolítica. Em certa ocasião, uma tia de Bianca se recusou a visitá-la em Israel, justificando que não concordava com a política internacional do país. *“Mas ela foi para o Irã, sabe?”*- a Gasht-e Ershad, a “Polícia da Moralidade” iraniana determina e fiscaliza a forma como as mulheres devem se vestir e se comportar.. Em setembro de 2022, a jovem iraniana Mahsa Amini morreu três dias após ter sido detida pela polícia por não estar vestida segundo as normas, desencadeando uma série de protestos que já deixou mais de quinhentos mortos, segundo a Human Rights Activists News Agency (HRANA)¹³ – *“Todo mundo tem umas opiniões muito*

12 Segundo o censo mais recente do IBGE, do ano de 2010, a população do município do Rio de Janeiro é de 6.320.446 habitantes, dos quais 3.360.629 são mulheres. A estimativa da população, feita em 2021, é de 6.775.561 moradores. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro>. Acesso em: 18 abr. 2023.

13 Disponível em: https://twitter.com/HRANA_English/status/1614398173111357440?cxt=HHwWgMC8pbilv-csAAAA. Acesso em: 18 abr. 2023. Para mais informações, acessar: <https://www.en-hrana>.

fortes sobre o conflito aqui, e a maioria das pessoas não tem base pra ter essa opinião. Isso é um pouco difícil’.

A história dos pais, que fugiram de duas ditaduras, poderia ter gerado uma inclinação política mais radical ou alguma forma de ativismo no trabalho de Bianca, mas ela tenta manter a objetividade: “No canal, a gente tem judeus e árabes também, um terço das pessoas que trabalham lá são árabes, e eu nunca tive problema com ninguém. Assim como a gente tem, por exemplo, pessoas da Ucrânia e da Rússia trabalhando juntas. É uma parte da realidade de trabalhar como jornalista em um canal internacional, você tem que querer conviver com pessoas com as quais você não necessariamente pensa da mesma forma. Às vezes, gera conflito, mas tentamos ser profissionais, sabe, não é questão de dar sua opinião.”



Não fazia nem vinte minutos desde que os primeiros rumores do ataque terrorista começaram a aparecer nas redes sociais. Nas redações de televisão, eventos desse tipo costumam gerar um alvoroço coletivo. A apuração, ou “escuta”, liga para as autoridades, policiais, bombeiros, principais hospitais da região, enquanto tenta descobrir se os relatos e vídeos que circulam pela internet são verdadeiros. A produção tenta marcar uma entrevista com um o porta-voz, seja um prefeito, governador, ou até mesmo o presidente, em busca de um posicionamento oficial. A coordenação refaz a escala dos repórteres, selecionando quais são as matérias mais quentes, que precisam de uma cobertura imediata, e quais são as mais frias, podendo ser feitas em outro

org/a-comprehensive-report-of-the-first-82-days-of-nationwide-protests-in-iran/. Acesso em: 26 maio 2023.

momento. Também é preciso checar se há um cinegrafista disponível, e se algum motorista pode levar a equipe até o local. Os editores de texto começam a esboçar as primeiras palavras que serão ditas pelo apresentador, e quais informações são prioridade. Os editores de vídeo montam as primeiras sequências de imagem. Resta ao repórter a missão de contar, direto do local, tudo o que está acontecendo.

“*Bianca, é você quem vai*”, o chefe de redação determina.

Normalmente, Bianca estaria pronta para a cobertura, com uma bagagem de experiência de correspondente sênior nas costas.

“*Não. Neste momento, não. Posso fazer, mas de outra forma*”, ela responde. Nos últimos meses, ela tem ficado mais no estúdio, fazendo análises ou apresentando histórias sobre tecnologia, política e mudanças climáticas. Todos a tratam muito bem e têm um certo respeito pela escolha. Faz parte de uma espécie de acordo entre ela, o marido e a i24NEWS, que entendem que, por enquanto, não é tão seguro reportar as mesmas histórias que costumava cobrir há pouco tempo.

É preciso ter mais cuidado, pelo menos agora. Bianca está grávida de seis meses e meio, e quer zelar pela vida que cresce dentro dela.



Clarissa

O ombro do gigante

Quando o avião decolou da Inglaterra para a Alemanha, Clarissa Ward sentiu um certo alívio em passar alguns dias sem as crianças. Preparar uma entrevista com Alexei Navalny, o principal opositor do presidente russo Vladimir Putin, enquanto cuidava de uma criança de dois anos e de outra de seis meses era realmente um grande desafio. Ainda mais estando o dia todo em casa, isolada do resto do mundo pela pandemia de 2020.

Ela se sentia enganada, de certa maneira, por todas as mulheres que lutaram tanto para entrar no mercado de trabalho de forma ativa e igualitária e a fizeram acreditar que ser mãe não interferiria no processo. Não era verdade. A maternidade significava ter que conciliar as consultas médicas e os primeiros marcos importantes na vida das crianças com uma agenda profissional agitada. Tinha medo de desacelerar e simplesmente se tornar irrelevante, mas não queria fingir que as coisas não eram tão difíceis.

Clarissa estava prestes a desvendar quem eram os responsáveis pelo envenenamento de uma das maiores *persona non gratas* do mundo, mas ainda não tinha aperfeiçoado as técnicas para fazer com que seu filho mais novo não começasse a chorar durante as ligações de trabalho. Sentia alívio por poder focar na entrevista com Navalny e na investigação, mas também sentia culpa e já antecipava a saudade das crianças. Duas coisas podem, sim, ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo



“Russian site launches smear campaign
against Clarissa Ward”

CNN, 2019

“Clarissa Ward Shares Her Pregnancy
Experience in ‘*On All Fronts*’”

Elle, 2020

“Clarissa Ward, a jornalista da CNN que cobriu
a tomada do Afeganistão pelo Talibã”

CNN Brasil, 2021

“Mãe de 2, jornalista da CNN decide
enfrentar os talibãs”

Terra, 2021

“Clarissa Ward: ‘É surreal falar com meus filhos
com bombas explodindo no fundo’”

Marie Claire, 2022

“Pregnant in a war zone: the mother
of all assignments”

The Times, 2023

Clarissa Ward se lembra exatamente do 11 de setembro. Lembra porque foi o dia em que acordou, figurativa e literalmente, para o que estava acontecendo no mundo. Despertou com a ligação de um amigo contando que as Torres Gêmeas tinham sido atingidas. Acabara de começar o último ano da faculdade de Literatura Comparada na Universidade de Yale, em Connecti-

cut, e lembra de ter se sentido extremamente envergonhada por não ter entendido até aquele momento a gravidade da situação. *“Como eu não tinha entendido? Por que havia sido tão ignorante?”*

A resposta, na verdade, é relativamente simples. Nascida em Londres, em 1980, Clarissa é filha de um homem britânico, Rodney, e uma mulher americana, Donna. Teve babás que vinham de países como Singapura e África do Sul, mas não tinha um real motivo enquanto criança para prestar atenção em outros lugares que não fossem Nova York e Londres. Passou por dois colégios internos na Inglaterra, de onde pulou direto para Yale. “Eu não discordaria por um momento sequer que eu tive uma criação muito privilegiada, que ameaçava distorcer qualquer percepção do mundo real” (WARD, 2021a, p. 22).

Por isso o choque do 11 de setembro atingiu a ela e a muitos outros americanos em cheio. Ela relembra que, na época, sentiu como se fosse testemunha de um problema gigante de falta de comunicação, como se um lado tivesse uma imagem completamente deturpada do outro e vice-versa. Durante uma entrevista à Oxford Union, a organização dos alunos da Universidade de Oxford, Clarissa afirma que os ataques funcionaram como uma espécie de chamado: a partir dali, soube que queria fazer televisão, e que queria ser correspondente internacional.

Sua primeira experiência com o jornalismo foi em um estágio voluntário na sede da CNN em Moscou, no ano de 2002. A empresa não pôde contratá-la imediatamente após o fim do programa de *trainee*, então foi para a Fox News no ano seguinte, onde trabalhava no turno da madrugada e era responsável por manter contato com a equipe no Iraque. Dois anos depois, após várias aulas de árabe e muita insistência com os chefes da emissora, recebeu a proposta de ir para Bagdá pela

primeira vez. *“Foi fascinante e emocionante, eu nunca tinha estado em um lugar como aquele antes. Mas também foi desafiador, porque eu queria estar mais conectada com o povo e com a cultura iraquiana, contar as histórias deles e entender melhor as perspectivas deles do conflito. Só que por conta da segurança e um pouco da forma como os veículos se organizavam lá, eu não tinha tantas oportunidades de fazer isso. A única maneira de sair pelas ruas do Iraque era junto ao exército americano.”*

No Iraque, Clarissa se deparou com alguns dos sentimentos que teria durante toda a vida de correspondente. Em primeiro lugar, a culpa: não entendia exatamente como era justo que ela pudesse voltar para a vida normal enquanto os locais estavam condenados a permanecer no meio do conflito. Em segundo lugar, o medo: em outubro de 2005, a região do hotel em que ela e a equipe estavam foi alvo de um triplo ataque suicida. Foi a primeira vez que ela realmente entendeu que poderia morrer durante o trabalho, o que só não aconteceu porque, por sorte, o carro responsável pela terceira explosão, que teria sido fatal para quem estivesse dentro do prédio, ficou preso em arame farpado e explodiu a cerca de cem metros do hotel. O terceiro sentimento era a euforia e a adrenalina de saber que era ali que ela precisava estar.

Desde então, a jornalista construiu um caminho que a levou a se tornar um dos rostos mais reconhecidos no jornalismo internacional. Atualmente, Clarissa tem quase duas décadas de experiência como correspondente, já morou em Pequim, Beirute, Bagdá, Nova York e Londres e cobriu conflitos em países como a Síria, Iraque, Irã, Afeganistão, e, mais recentemente, a Ucrânia. Foi indicada a nove Emmy Awards, dos quais venceu quatro. Também recebeu alguns dos prêmios mais importantes do jornalismo, como o Peabody Award e o Alfred I. duPont–Columbia

Por que as mulheres vão à guerra?

University Award. Foi a 50ª jornalista a receber o The National Press Club's Fourth Estate Award, prêmio mais importante da instituição. Em 2020, publicou um livro sobre suas experiências na linha de frente dos conflitos. Tem mais de 800 mil seguidores nas redes sociais e é correspondente internacional chefe da CNN.

**“War Reporter Clarissa Ward Talks Fear, Family
And The Front Line In British Vogue:
From Afghanistan to Myanmar, her dispatches
have turned CNN’s Clarissa Ward into a star”**
Vogue, 2021



Quase toda entrevista com Clarissa Ward inclui pelo menos uma pergunta sobre como é ser uma correspondente mulher em áreas de conflito, principalmente no Oriente Médio, e, desde que uma foto sua usando roupas drasticamente mais conservadoras após a volta do Talibã para o Afeganistão viralizou na internet em agosto de 2021, não é difícil imaginar que o volume deste tipo de pergunta tenha aumentado ainda mais.

No entanto, ela se mostra aberta e solícita para atender às dúvidas e raramente fala de uma perspectiva de vítima da situação: *“Ser mulher dificultou que eu entrasse em alguns lugares, mas na verdade é quase sempre o oposto. Isso abre portas de algumas maneiras, porque as pessoas se sentem menos ameaçadas pela presença de uma mulher, menos desconfiadas, não acham que você é uma espiã ou algo do tipo”*. No começo da carreira, já senti que não era muito respeitada, mas não acredita que isso tivesse a ver com o gênero, e sim com a

inexperiência. Ela também sabe que trabalhar para a CNN, e ter tido um certo tipo de educação formal são fatores que garantem enorme privilégio. *“Eu não posso falar pelas jornalistas de outros países porque não tenho noção de quais são suas experiências, mas não me surpreenderia descobrir que é muito mais difícil em alguns lugares.”*

Por outro lado, Clarissa já tornou públicas algumas ocasiões em que seu gênero foi justificativa o suficiente para que os limites profissionais fossem ultrapassados. A primeira vez foi antes mesmo de começar a trabalhar como jornalista, durante um verão que passou na China depois de se formar em Yale. Ainda não tinha começado seu estágio na CNN de Moscou, mas havia conseguido um papel de atriz substituta de Uma Thurman no set de *Kill Bill*. Ela já tinha percebido comportamentos questionáveis de Quentin Tarantino algumas vezes: enquanto repassavam uma cena em que a personagem de Thurman seria enforcada com uma corrente, o diretor usou mais força do que o necessário, e deixou claro que se divertia com aquilo. Só parou quando Clarissa já estava desconfortável e o aperto começou a incomodar mais. Pouco tempo depois, uma produtora disse que Quentin gostaria de sair para jantar só com ela, tipo de convite que não era incomum no set. *“Você não precisa transar com ele”*, a produtora respondeu irritada quando Clarissa disse que não estava interessada.

No período em que trabalhou para a Fox News, não se sentiu desrespeitada, mas observava que havia um padrão rígido de aparência das repórteres e apresentadoras. Já como jornalista, disse ter se sentido invisível quando foi convidada para um jantar com figurões e oligarcas russos e ninguém a olhava nos olhos ou ouvia o que ela tinha a dizer. A única atenção que recebeu foi do convidado de honra, Saif Qaddafi, que fez insinuações sexuais a

noite toda e chegou a lamber sua orelha. Ela já havia pedido para que ele parasse diversas vezes, mas ele só parou mesmo quando outro homem disse que estava desconfortável com a situação. Outro exemplo foi durante uma cobertura em Gaza, quando foi abordada por um grupo de rapazes que a viram fumando em público – sinal de “virtude fácil” no Oriente Médio – e cercaram seu carro, com a mão dentro das calças e a língua para fora.

Por um lado, ser mulher torna mais fácil acessar algumas fontes e não levanta tantas suspeitas. Por outro, o gênero é um elemento fundamental a ser considerado em casos de assédio no mercado de trabalho. Mesmo assim, ela não vê uma distinção clara entre as histórias contadas por mulheres e homens jornalistas, pelo menos não da maneira como costumava ser. *“Eu acho que hoje isso já mudou muito. Tradicionalmente, eu diria que as mulheres têm focado mais nas dificuldades dos civis e das pessoas que moram nessas áreas de conflito, e os homens no que está acontecendo em termos militares ou geopolíticos. Mas, atualmente, isso tem mudado muito, não dá pra ser tão categórico.”*

Ela acredita que a mudança de cenário se deve ao fato de os jornalistas estarem cada vez mais abertos a ouvir grupos de fontes diversas, o que torna as narrativas mais ricas e profundas. Mas observa que, em partes, a discrepância entre os estilos foi atenuada pela presença cada vez maior das mulheres na profissão. *“Se você olhar para as pessoas que ficam em frente às câmeras, tem bastante mulheres. Mas se você analisar a equipe inteira, como os produtores, os cinegrafistas e os seguranças, ainda tende a ser dominada principalmente por homens.”* Desde que Clarissa começou a trabalhar como correspondente, há vinte anos, já identificava uma preocupação justa com o papel das mulheres na profissão, mas acha que o assunto se tornou quase inesgotável: *“Sempre foi uma preocupação das pessoas,*

existe um tipo de fascínio sem fim com as mulheres por seu trabalho. Então eu acho que esse tem sido há muito tempo um assunto quase fetichizado”.

A jornalista não se refere a um fetiche exclusivamente direcionado às mulheres ou a algum profissional específico, mas à fetichização dos correspondentes de guerra como um todo. Isso não a incomoda, entende que as pessoas ficam curiosas e querem saber mais, apenas se surpreende com a maneira como esse tema continua a gerar interesse, mesmo que ela já esteja tão habituada com o ofício. Por outro lado, percebe um efeito negativo desse tipo de atenção. *“Isso pode glamourizar a guerra, e qualquer um que tenha vindo para cá e tenha tido a experiência de passar por uma guerra pode confirmar que não há nada de glamoroso nisso. A guerra pode ser tediosa e banal, assim como pode ser feia e sombria, então acho que sempre há algum perigo em idealizar a profissão.”*

Sobre a fama internacional que inevitavelmente veio com as entradas ao vivo em vários grandes canais americanos, ela é breve, diz que não acha que alguém faça esse trabalho tendo em mente o reconhecimento, nem que ser mulher é um impeditivo para consegui-lo. *“Se você está buscando fama, essa profissão não é para você.”* Clarissa se importa principalmente com o retorno das fontes que compartilharam suas histórias, quer fazer jus aos relatos e contá-los de maneira justa. Se esforça também para tentar falar com todos os jovens jornalistas que entram em contato com ela para ouvir seus ensinamentos e experiências, apesar da tarefa consumir bastante tempo. *“Não me sinto pressionada a dar exemplo, porque eu acho ou espero deixar claro que estou fazendo o melhor que eu posso, mas não sou perfeita e não sou onipotente. Há pessoas que escrevem melhor que eu, que são melhores do que eu em todo tipo de coisa. Então, eu penso nisso mais como uma responsabilidade de tentar ajudar as pessoas onde elas precisam de orientação.”*

Faz isso porque sente muita gratidão pelas jornalistas que começaram a traçar este caminho há algumas décadas e tornaram essa realidade possível para as mulheres mais jovens. Deborah Amos, que Clarissa chama carinhosamente de “Deb”, é um dos exemplos de profissionais que garantiram que as mulheres conquistassem um espaço e tivessem uma presença importante na imprensa, além de iniciar diálogos sobre o equilíbrio entre a vida pessoal e o exercício da profissão. *“As jornalistas da geração anterior tiveram que ignorar algumas coisas como ter filhos porque isso significava perder essa posição pela qual elas tinham lutado tanto. Acho que para as mulheres da minha idade que fazem esse trabalho, é possível, mas ainda é muito difícil. Por isso eu digo para as pessoas que eu não quero passar a impressão de que é fácil e de que eu tenho tudo. Pessoas como eu estão sobre o ombro de gigantes como Deb.”*



São complexas as descrições de Clarissa sobre suas relações com algumas mulheres que conheceu, geralmente permeadas por sentimentos contraditórios. No período em que morou em Moscou, sentia dificuldade em se conectar com as russas que descrevia sempre como impecáveis, muito bem arrumadas e sempre em busca de aprovação masculina. Em retrospecto, acha que se sentia intimidada de alguma maneira e que tinha medo de ser taxada como menos feminina, mas também admirava a beleza e habilidade delas.

A consciência sobre esses sentimentos conflitantes é algo que Clarissa leva para dentro de casa. Em seu livro de memórias *On All Fronts: The Education of a Journalist* ela descreve sua mãe, Donna, como opinativa, bonita, sincera e teimosa, não sendo do

tipo que guardava trabalhos medianos que a filha fazia na aula de artes. A avó paterna, por outro lado, tomava tudo o que a neta fazia ou dizia como esplêndido e mergulhava de cabeça em todos os seus desejos e interesses. A própria jornalista reconhece que a avó teve uma antipatia imediata pela nora, a mãe de Clarissa, por conta de uma espécie de competição.

Já na Síria, durante os períodos em que ficava hospedada em residências de locais – motoristas, *fixers* e integrantes dos grupos de resistência que ajudavam na cobertura –, observava as tradições conservadoras que ditavam que as mulheres não deveriam sair de casa e eram responsáveis por cozinhar, limpar e cuidar das crianças, mas ao mesmo tempo enxergava uma enorme resiliência nas anfitriãs que prepararam verdadeiros banquetes para os jornalistas estrangeiros, mesmo em meio ao luto pelos maridos e irmãos que perderam para a guerra.

A primeira muçulmana de quem Clarissa se tornou amiga foi sua primeira professora de árabe, Alia, uma mulher inteligente e determinada. Ela conta em uma passagem de seu livro que a professora foi responsável por um dos primeiros choques culturais com que se depararia ao longo dos anos. Durante uma aula de idiomas, Alia explicava que existem duas palavras na língua árabe para descrever uma mulher, “virgem” ou “casada”, e perguntou à jornalista em qual das categorias ela se encaixava. A professora não conseguiu esconder o espanto quando descobriu que Clarissa não era nenhuma das duas coisas, e ela também não conseguiu esconder que se sentiu um pouco envergonhada com a própria resposta. Era como se, ao ficarem frente a frente, se tornassem espelhos uma da outra. Não necessariamente espelhos que julgam e apontam, mas que estimulam a reflexão e uma simples observação das diferenças.

Em outros momentos, as semelhanças eram o motivo da conexão. No ano de 2005, quando foi para Damasco, ficou amiga de Hala, uma mulher síria com quem também estudava árabe. Hala confidenciou um segredo: estava trocando mensagens em inglês com um admirador e queria a ajuda de Clarissa para traduzir as mensagens que ele enviava. As duas compartilharam risadinhas enquanto liam as mensagens românticas na tela do celular.

“É inapropriado?”, a amiga perguntou.

“Não, é romântico”.



Foi preciso entender cedo que nem todo mundo seria capaz de compreender seu trabalho. Lidar com comentários de pessoas que acreditam que as mulheres não deveriam exercer esse tipo de profissão e nem mesmo viajar foi mais fácil, já que Clarissa tem muito clara a convicção de que é a melhor mulher – e a melhor versão de si mesma – que poderia ser, em grande parte pelo trabalho.

Mas existia também um outro lado da questão, uma resistência que não era tão preto no branco. Antes mesmo da primeira viagem a Bagdá, em 2005, a vontade da jornalista de cobrir os acontecimentos de uma guerra já gerava desconforto. Ela namorava Max, “um bielorusso bonito e inteligente que estava algumas disciplinas atrás em Yale”¹ (WARD, 2021a, p. 38). O relacionamento podia ser descrito como sério, tinham gostos em comum e compartilhavam uma história de infância parecida. Mas Clarissa tinha um objetivo definido, estava determinada a

1 Minha tradução do original: “Max... was a bright and handsome Belorussian who was a few classes below me at Yale”.

conseguir ir para o Oriente Médio, ideia com a qual Max não conseguia se acostumar. Eventualmente, o distanciamento entre os dois cresceu, e a relação terminou.

Seja por preocupação, ego ou qualquer outro motivo, a jornalista aprendeu rápido que sua profissão teria um custo alto para seus relacionamentos. “Tinha ficado cada vez mais claro para mim que poucos homens conseguiam estar com uma mulher que viajava pelo mundo todo e constantemente se colocava em perigo”² (WARD, 2021a, p. 119). E isso continuou sendo verdade por alguns anos. Até conhecer o alemão Philipp von Bernstorff .

Clarissa e Phillip se conheceram em 2007 em um jantar com amigos em comum em Moscou. Ele chegou atrasado e imediatamente disse que acreditava que os correspondentes de guerra eram egomaniacos. Ela, cativada pela sinceridade, aceitou tomar um chá depois do jantar. Eles se casaram em 2016, e estão juntos até hoje: Phillip não é jornalista, trabalha com finanças, mas sempre apoiou as ambições de Clarissa. Quando ela recebeu uma oferta da ABC News para se tornar correspondente na China, ficou preocupada com a reação do então namorado, mas ele imediatamente a aconselhou a aceitar a proposta.

Se havia conseguido conciliar a posição de correspondente e esposa, veio a tarefa de mãe. Já na primeira gravidez, a relação de Clarissa com o trabalho mudou. Em primeiro lugar, sua preocupação com a própria segurança se tornou mais real, já que agora teria um filho para proteger. Também se sentia mais envolvida pelo sofrimento das crianças que encontrava durante as coberturas, apesar de antes sempre ter conseguido manter uma certa barreira saudável. Em algumas ocasiões, havia até mesmo se per-

2 Minha tradução do original: “It had become increasingly clear to me that few men could handle being with a woman who traveled all over the world and regularly put herself in danger”.

guntado por que as pessoas continuavam a escolher ter filhos em um mundo cheio de tantas coisas ruins. Além do trabalho em si, ela também se preocupava com como a maternidade afetaria a forma como era percebida. Em diversas passagens de seu livro, a jornalista menciona que tinha medo de se tornar irrelevante se desacelerasse seu percurso profissional e que costumava achar que ser mãe era geralmente a coisa menos interessante sobre uma mulher. Torcia o nariz para alguns estereótipos: seu “cérebro viraria mingau”, e se tornaria “uma daquelas pessoas que tagarela infinitamente sobre o quão incrível, inteligente e saudável é o seu bebê”³ (WARD, 2021a, p. 290). Mas tudo tinha mudado.

Quando o casal teve o primeiro filho, Ezra, em março de 2018, a jornalista não demorou muito para voltar a trabalhar. “Eu nunca questionei a minha decisão de me jogar de volta no trabalho. Eu entendia intuitivamente que isso era o que eu tinha que fazer na vida, que ser verdadeira comigo mesma me faria uma mãe melhor. Mas doía estar longe dele por mais de alguns dias”⁴ (WARD, 2021a, p. 302). O segundo filho, Caspar, nasceu em junho de 2020.

Durante a entrevista para este livro, no dia 7 de março de 2023, Clarissa Ward estava dentro de um trem em algum lugar da Ucrânia, e também estava grávida do terceiro filho. Disse que se sentia um pouco cansada, mas que ela e o marido estavam animados. Três crianças seria um caos, mas estava confiante em

3 Minha tradução do original: “My brain would turn to mush, that I would become one of those people who babbles endlessly about how wonderful, intelligent, and healthy their baby is”.

4 Minha tradução do original: “I never questioned my decision to throw myself back into my work. I understood instinctively that this was what I was meant to do in life, that being true to myself would make me a better mother. But I ached when I was away from him for more than a few days”.

relação ao apoio que receberia. Mesmo assim, disse que esse ainda era um assunto que gostaria de ver mais: *“Eu acho que a questão de ter filhos e fazer esse trabalho, ou de estar grávida fazendo esse trabalho ainda... bom, há muitas mulheres que fazem, mas ainda não é tão normal quanto outras coisas. Acho que é bom continuar a falar sobre isso”*.

Inigo Alexander nasceu no dia 23 de maio de 2023, e agora a correspondente é mãe de três.



Fréderike

Camarada Avaşîn

O corpo de Frédérique Geerdink balançava de um lado para o outro nas estradas montanhosas do Curdistão. Não importava se o veículo blindado virasse para a direita ou para a esquerda, ela sempre acabava chacoalhando em direção a um dos militares. Estava cercada por vários homens do exército turco.

Já era tarde da noite, e ela não sabia exatamente por que estava sendo levada para lá e para cá, sendo que já tinha sido avisada de que seria liberada em breve. Também não perguntou – não queria ter que falar com eles – mas achava que simplesmente não tinham com quem deixá-la até a liberação. Estava muito escuro, e a música alta no rádio, que ela reconheceu como alguma canção nacionalista, estalava em seus ouvidos. Era sua segunda detenção, desta vez na cidade de Yüksekova, a quinhentos quilômetros de Istambul, onde passou dois dias presa em uma cela da estação de polícia. Mesmo sabendo que estaria livre em poucas horas, não estava aliviada. Na verdade, estava muito estressada, previa que depois da liberação seria obrigada a deixar a Turquia.



A jornalista sabia que o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) realizava ataques naquela região, e que o alvo preferido da organização eram os veículos militares. O nervoso consumia seus pensamentos, estava prestes a ser deportada e iria morrer durante sua última viagem por conta de uma bomba de beira de estrada do PKK. A qualquer momento o carro poderia ir aos ares, em uma questão de segundos. Poderia ser agora... ou agora...ou agora...

Ou agora...



Frédérique havia sido detida com mais ou menos outras trinta pessoas. A guerra entre o PKK e o Estado turco recomeçara em 2015, e um grupo de civis curdos havia se reunido em um acampamento para tentar parar o conflito em uma espécie de escudo humano. Tendo trabalhado como freelancer por 15 anos até então, depois de deixar uma carreira em revistas para mulheres, a jornalista já havia aprendido a identificar boas histórias e sabia: aquela era uma história que não poderia perder. A justificativa da polícia turca para prendê-la era a de que ela e os outros civis não deviam estar naquela região, já que se tratava de uma área restrita. Quando a notícia da deportação veio, no dia 9 de setembro do mesmo ano, esse era um dos itens na lista de motivos pelos quais a Turquia alegava que Frédérique era uma ameaça à segurança e à saúde pública. Já trabalhava há anos no país, sete na capital Istambul, mais três em Diarbaquir, no sudeste da Turquia, até o dia em que funcionários da polícia antiterrorista da Turquia apareceram com cinco metralhadoras na sua porta de sua casa, suspeitando que ela estivesse espalhando propaganda de terroristas curdos.

A parte mais assustadora de todo o processo foi pensar em não poder voltar ao Curdistão, e não tanto a detenção em si. Havia uma certa apreensão, é claro, sobre por quanto tempo ficaria sob custódia, mas ser presa era uma situação que possibilitava observar o conflito de um novo ângulo, que não faz parte do cotidiano dos jornalistas. Ela já aproveitara a oportunidade poucos meses antes, quando foi detida pela primeira vez. Era, no mínimo, interessante analisar as diferentes condutas e realidades dentro da delegacia.

Costumava ser mais difícil para os presos homens do que para as mulheres, tanto as curdas como a jornalista holandesa (o fato de Fréderike ser uma profissional estrangeira e branca também adicionava alguns pontos a seu favor). A ala masculina das prisões estava mais sujeita à violência física, mas as presas resistiam de maneiras mais estratégicas.

Isso ficou claro na segunda detenção, aquela em que fez a viagem com os militares turcos. Os guardas guiavam o grupo de detentas curdas de volta da cantina para a cela, com uma breve parada para usar o banheiro. A circulação dentro da delegacia era restrita, não podiam andar desacompanhadas. Mesmo assim, quando um dos vigilantes deu as instruções do caminho, as mulheres simplesmente seguiram na direção oposta.

“Ei! Parem, parem, vocês não podem ir por aí! Ei!”, o policial ordenava.

As presas continuaram a andar no sentido contrário, inabaladas pelas ordens que ecoavam pelo corredor. Era como se não entendessem uma palavra do que o guarda dizia. Acontece que o banheiro que a polícia tinha designado a elas era muito sujo, então as detentas caminhavam em direção a um outro sanitário, melhor e mais limpo. *“Elas eram muito autônomas. Em geral, todo*

mundo fala pelo menos um pouco de turco, mas elas fingiram que não entendiam”. Apesar de muitos curdos terem crescido aprendendo o turco como idioma oficial, as presas agiam como se entendessem apenas os dialetos do Curdistão, para driblar as regras sem maiores punições

Foi o começo de uma das conclusões que a jornalista tiraria durante o ano em que passaria acampada com o PKK, observando de perto o funcionamento da organização e conhecendo as guerrilheiras que movem um dos movimentos armados mais fortes do Oriente Médio: “*As mulheres curdas eram excepcionais*”.



Foi em novembro de 2015, apenas dois meses depois de ter sido deportada para a Holanda, que Fréderike teve a ideia de escrever *This Fire Never Dies*, livro publicado em 2021 em que relata suas experiências ao longo de um ano vivendo em acampamentos com os combatentes. Durante o curto período em que esteve fora do Curdistão, não considerou parar de fazer jornalismo, pelo contrário, ficou apenas mais motivada a continuar. O projeto do livro logo foi aprovado pelo Dutch Funds for Journalism Projects, fundo do governo holandês, e, em junho de 2016, ela já estava nas montanhas de Qandil, com a ajuda de um dos líderes do PKK. “*Aqui [no acampamento] eu quero continuar com o tipo de jornalismo sobre os curdos que, na Turquia, eu praticava com o maior amor: contar as histórias dos aldeões e dos moradores da cidade. Não que eu nunca tenha entrevistado um político local ou nacional, mas reportar sobre como as pessoas comuns são afetadas pela guerra e pela democracia que está desmoronando sempre foi mais atrativo para mim. Por que eu não aplicaria a mesma tática com o PKK? Sendo um jornalista que não está embedded, você não consegue ver isso*”.

Os correspondentes de guerra tendem a seguir uma maneira particular de trabalhar, dependendo da necessidade do veículo. A primeira é o chamado *parachute journalism*, jornalismo de paraquedas, quando o repórter é enviado pela empresa para cobrir brevemente uma história em um lugar longe de sua base. O termo se refere apenas à prática de ir e voltar do local de cobertura, mas costuma ser usado de forma pejorativa para descrever reportagens rasas e sem embasamento. A segunda forma de cobrir um conflito é permanecendo no local onde a notícia acontece, é o caso dos jornalistas que moram por um tempo no país ou cidade em que trabalham. Por fim, o correspondente pode escolher trabalhar completamente só, por sua conta e risco, controlando onde e quando vai, sem qualquer tipo de associação com uma das partes do conflito, ou pode estar *embedded*. A tradução literal da palavra é “integrado”, ou seja, quando o jornalista é absorvido por um grupo, como o exército americano, o Estado turco ou, no caso de Frédérique, o PKK, por exemplo, e segue as movimentações dessa organização. Assim como as modalidades anteriores, estar totalmente integrado tem seus prós e contras: o jornalista pode ficar limitado a ver e ouvir apenas aquilo a que o grupo (geralmente militar) concede acesso, não podendo se locomover livremente e desviar das orientações. Por outro lado, o correspondente consegue ficar mais próximo dos agentes do conflito, observar a dinâmica mais de perto e compreender as engrenagens internas de uma organização.

“Se você vier uma vez só, você vai ver as montanhas bonitas e até vai ver que a população tem problemas por causa do conflito, mas não terá o mesmo tipo de profundidade de quando fica por mais tempo e tem acesso às pessoas. Foi isso o que mais me ajudou enquanto repórter, o fato de eu ter me mudado de Istambul para Diarbaquir em 2012. As identidades políticas te

incluem de maneira mais fácil quando vêem que você está contando a história de uma outra perspectiva. Você é incluído em uma comunidade e as pessoas conversam com você.”

Esse tipo de trabalho jornalístico costuma ser mais comum entre os profissionais independentes, que não dependem tanto do ritmo de um veículo para determinar prazos e calendários das coberturas. Trabalhando diretamente com um único jornal diário ou emissora de televisão, é preciso seguir o frenesi do ciclo de notícias, estando sempre à frente dos concorrentes. Frédérique se identifica como parte de uma vertente que tenta se desvencilhar desse padrão sempre que possível e priorizar o aprofundamento em detrimento da velocidade de uma reportagem, o *slow journalism*. “Por um lado, as coisas terríveis que vemos no noticiário nem começam a descrever o horror da guerra, mas, por outro, há essa perspectiva de uma vida comum. Quantas combatentes eu já não vi limparem e decorarem as prateleiras dos quartos com miçangas por horas? E existe um grupo de pessoas que está mais interessada no segundo plano da guerra [...], talvez não nos grandes jornais e revistas, mas existe.”

O livro da jornalista sobre a convivência próxima com os integrantes do PKK resultou deste ritmo diferenciado de cobertura, em que os fatos são maturados por mais tempo. Nem sempre foi fácil, havia uma certa inquietação para chegar até às notícias: ficou indignada, por exemplo, quando ficou sabendo com um dia inteiro de atraso sobre a tentativa de golpe na Turquia, em 2016.

As questões de gênero no exercício da profissão também parecem fazer parte da cobertura. Frédérique aponta que a maior parte dos profissionais que conhece que praticam esse mesmo tipo de jornalismo são mulheres, mas não interpreta isso como uma realidade internacional. É apenas uma questão de dinâmica:

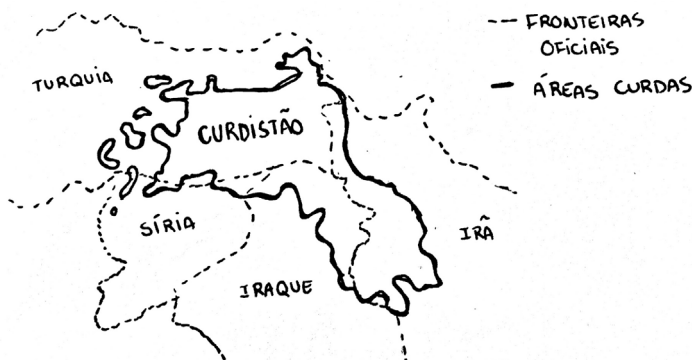
quanto mais acesso se tem às mulheres locais, mais se escreve sobre o pano de fundo da guerra e sobre a vida cotidiana, uma cobertura mais lenta do que a de ataques e bombardeios – mesmo no Curdistão, onde as mulheres também lutam nas linhas de frente. Ela destaca que alguns colegas sequer percebem que não conseguem acessar metade da população, e incorrem em erros como sugerir que jornalistas mulheres não deveriam estar em lugares perigosos. Justamente por isso, ela acredita que o papel das mulheres na cobertura de conflitos é essencial.

A repercussão do trabalho de jornalistas homens também é diferente, ela não pode deixar de notar. Às vezes, tenta imaginar como seu livro sobre o PKK teria sido percebido se ela não fosse uma mulher. Se um homem o tivesse feito, teria o projeto recebido mais publicidade? Mais respeito?

Será que a editora teria sugerido uma capa com flores cor-de-rosa para um livro sobre guerrilha? Não dá pra saber, mas acha que não.



A história recente da busca dos curdos por autonomia começou logo após a divisão do Império Otomano no ano de 1920 pelo Tratado de Sèvres, após a Primeira Guerra Mundial. A proposta feita pelos países Aliados também previa a criação de um Estado curdo independente, mas foi renegociada no pacto de Lausanne, responsável por delimitar as fronteiras da Turquia como se conhece na atualidade e pela dispersão dos curdos também pelo Iraque, Irã e Síria, formando o território do Curdistão.



Desde então, a história do povo curdo tem sido marcada por tentativas de autonomia e independência, suprimidas pelos governos dos países internacionalmente reconhecidos. A República de Mahabad, fundada pelos curdos iranianos, caiu sob o controle soviético durante a Segunda Guerra Mundial, e foi dominada pelo Irã em 1946. O Partido Democrata do Curdistão (KDP) rebelou-se durante a década de 1960 contra vários governos iraquianos, mas perdeu para o Iraque Baathista. Em 1975, o regime Baathista desapropriou moradias curdas e começou o processo de “arabização” da região. Um pouco antes, o governo sírio retirou a cidadania de todos os curdos que não pudessem comprovar residência no país antes de 1945. E como parte dos movimentos de resistência do Curdistão, surgiu o *Parti Karkerani Kurdistan*, o PKK, fundado em 1974 como um grupo marxista-leninista, pelo líder Abdullah Öcalan.

Militantes curdos que acreditam no fim da ideia de Estado-nação e do patriarcado, lutam pelo anticapitalismo e buscam a autonomia da identidade curda e diversidade de todos os povos por meio da educação, afirmando recorrer à violência apenas como medida de autodefesa. Grupo classificado como terrorista

pela Turquia, pelos Estados Unidos e integrantes da União Europeia, na tentativa de conquistar uma iniciativa separatista. Essa é a guerra de narrativas que tenta definir a atuação do PKK, embora a segunda encontre mais espaço na mídia ocidental.

Escrever sobre o Partido dos Trabalhadores do Curdistão em meio a tantas versões é um desafio jornalístico ao qual Fréderike Geerdink não se manteve alheia. Antes e durante os doze meses em que esteve nas montanhas, se questionou algumas vezes sobre a viabilidade do projeto, não queria que a organização interferisse de forma alguma no que ela escreveria sobre sua experiência, nem se sujeitar a condições pré-estabelecidas para conseguir realizar o trabalho. Não raramente ela relembra algumas conversas que teve com figuras importantes da organização em que confrontou a ideologia e algumas contradições de seu discurso. Um exemplo é a afirmação do PKK de que civis não são alvos de ataque, enquanto, na verdade, escapam em um mero detalhe técnico: veja bem, aquele civil que morreu era, na verdade, um aliado do exército turco, por isso não era considerado um civil.

Em algumas passagens de seu livro, ela também destaca que não havia nenhuma compensação financeira envolvida nas negociações com os líderes do PKK sobre sua acomodação com as guerrilheiras. Ainda faz questão de deixar claro que sempre se recusou a carregar armas, apesar de este ser o comportamento padrão entre os combatentes. Só tocou em uma Kalashnikov uma vez, depois de muito insistirem que ela deveria pelo menos saber se defender em caso de perigo – fez uma única aula de tiro e nunca mais usou a AK-47.

Por outro lado, a jornalista reconhece que, tendo passado tantos anos escrevendo sobre os integrantes do PKK e um ano

inteiro convivendo diariamente com eles, já considerou se não deveria simplesmente se integrar definitivamente à organização. Concluiu que não, não seria capaz de seguir um líder ou se comprometer definitivamente com uma ideologia, e o título de jornalista ainda é aquele com que mais se identifica.

Mesmo assim, uma certa identificação por parte da jornalista com alguns dos valores educacionais do PKK transparecem em *This Fire Never Dies*. Em alguns momentos, princípios quase universais como a solidariedade, a vida em comunidade e a necessidade de igualdade entre homens e mulheres. Em outros, em questões mais sensíveis como a integração de menores de idade ao movimento.

Talvez isso seja resultado apenas de uma coincidência justa entre as opiniões pessoais da jornalista e alguns ideais do PKK, mas é difícil imaginar que as noites em que dormiu debaixo do mesmo céu que as guerrilheiras também não tenham criado algum tipo de vínculo. O caso de Frédérique é um exemplo em que os conceitos de objetividade e isenção jornalística não estão escritos em pedra, onde não há uma linha exata que determina o quão próximo o jornalista pode estar da fonte. Essa relação leva à reflexão sobre o envolvimento do autor com os costumes e ideais locais e sobre até que ponto isso pode ser enriquecedor para uma cobertura, sem necessariamente atribuir ao sujeito da reportagem uma moral. Também serve para instigar o leitor sobre como as relações entre mulheres podem servir como guia para o trabalho das jornalistas. É interessante observar onde começa Frédérique Geerdink e termina Camarada Avaşın.



A vida nas montanhas era relativamente tranquila e organizada. As manhãs eram dedicadas às aulas da língua curda, onde Fréderike e as guerrilheiras também aprendiam sobre a história e a ideologia da organização. As tardes eram livres, divididas entre banhos no rio e atividades cotidianas: lavar a louça, costurar pedaços de juta para cobrir a entrada das cavernas, e, para a jornalista, entrevistar e escrever sobre as mulheres, antes de se deitarem juntas para dormir, colchonetes lado a lado. A rotina e a dificuldade das curdas em memorizar o nome da holandesa lhe renderam um *nom de guerre*: Camarada Avaşîn, que significa “água azul”. Tomavam muito chá e cozinhavam para as colegas, conversando sob a luz baixa dentro das cavernas. Bandeiras com os rostos de líderes e mártires do movimento decoram as paredes dos quartos.

Durante o tempo em que passou com os combatentes, a jornalista observou que as sociedades das montanhas eram baseadas em sistemas de cooperação, e que, apesar de momentos de contradição, os comandantes defendiam a educação como forma de emancipação dos guerrilheiros. Parte dessa educação girava em torno dos esforços de libertação das mulheres e da figura feminina como entidade máxima. As aulas de idioma frequentemente também viravam aulas de história em que os professores retomavam o período Neolítico e religiões centradas em deusas e estruturas matriarcais. O combate ao patriarcado é uma das bandeiras levantadas pelas guerrilheiras do PKK, que pregam que os curdos jamais serão livres enquanto uma mulher ainda não o for.

Estima-se que metade dos combatentes sejam mulheres, e existem até mesmo ramificações exclusivamente femininas que se formaram através da organização. “Inspirado pela ideologia igualitária secular desde o início, o PKK criou uma cultura orga-

nizacional que incentiva a igualdade substancial de gênero no recrutamento, treinamento, missões militares, liderança e proteção contra a vitimização sexual”¹. Frédérique observou a estrutura do acampamento e notou que a cadeia de comando das mulheres era independente da dos homens, havia até mesmo uma regra da instituição que determinava que as guerrilheiras jamais poderiam ter um comandante homem, mas o inverso era totalmente possível.

Mesmo fora dos grupos armados, a jornalista reconhece que as curdas têm um papel fundamental na manutenção da identidade como um todo. A língua oficial ensinada nas escolas é o turco, o idioma curdo sendo ensinado de geração em geração apenas dentro das casas. Uma vez que os homens são geralmente chamados para serviços militares, resta às mulheres transmitir o legado para os filhos, netos, e assim em diante.

A holandesa destaca, no entanto, que “o feminismo radical vem com uma moralidade que chamamos de conservadora no Ocidente. Os quartéis das mulheres são estritamente separados dos dos homens. Soldados e soldadas somente se veem usando o uniforme completo. As mulheres nunca usam os cabelos soltos quando os homens estão por perto. Os homens estão geralmente com a barba feita. Existem regras sobre até que ponto o zíper da jaqueta do uniforme deve estar fechado: pelo menos até a altura do bolso do peito, e nunca abaixo.”² (GEERDINK, 2021,

1 Minha tradução do original: “Inspired by secular egalitarian ideology from its inception, the PKK has created an organizational culture that encourages substantial gender equality in recruitment, training, military missions, leadership, and protections against sexual victimization”. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1057567719826632?journalCode=icja>. Acesso em: 13 maio 2023.

2 Minha tradução do original: “The radical feminism comes with a morality we would call conservative in the West. The women’s quarters are strictly separated from the men’s. Male and female fighters only

p. 186). Também é comum que as mulheres evitem falar sobre higiene pessoal em frente aos homens, deixando de mencionar tarefas cotidianas como pendurar as meias recém-lavadas no varal. Quando Frédérique mencionou, em frente a um guerrilheiro, que sua colega de acampamento havia acabado de tomar banho, foi repreendida e alertada de que aquilo era uma superexposição da intimidade.

Apesar dessa série de regras menos liberais do que as do país de onde veio, ela nunca se sentiu insegura enquanto mulher dentro do PKK. Também não ouviu nenhum relato de assédio sexual por parte das guerrilheiras, que confiavam no sistema para punir este tipo de comportamento caso viesse a acontecer. Ao longo dos capítulos de seu livro, Frédérique esclarece que em momento algum recebeu regalias da guerrilha para escrever coisas positivas sobre eles. Na verdade, diz que os combatentes não poderiam ligar menos para o que mais um jornalista pensa sobre a luta curda. No entanto, ela propõe questionamentos ao leitor a respeito da ideia de que movimentos anticapitalistas e anti patriarcais seriam “radicais demais”, mesmo quando utilizam as mesmas táticas de Estados aliados do Ocidente, como a Turquia.

Voltar para a Holanda em 2020, depois de mais de dois anos trabalhando como jornalista independente no Curdistão iraquiano – além do ano em que viveu no acampamento – e se deparar com o pensamento ocidental foi um desafio. “*Aqui nós temos menos restrições sociais, mas, ao mesmo tempo, o nosso feminismo é muito superficial, porque é preciso contribuir com o capitalismo para ser considerada uma mulher forte.*”

ever see one another in full uniform, The women never wear their hair down when the men are around. The men are generally smooth shaven. There are rules for how far the zip of your uniform jacket should be done up: at least to the top of the breast pockets, and no lower”.



“Nunca quis muito me casar ou ter filhos. Tive um longo relacionamento, e ele queria uma família, mas eu não. Então, ele teve uma família com outra pessoa e eu fui para a Turquia. Todo mundo feliz.”

Apesar de nunca ter sonhado isso para si mesma, Frédérique reconhece que é possível formar uma família e trabalhar como correspondente de guerra, mas talvez não da maneira como ela se dispõe a fazer, passando longos períodos longe de casa, acompanhando a vida de outras pessoas. As conhecidas que trabalham da mesma maneira também não seguiram o tradicional caminho de marido e filhos.

Não há muita pressão sobre ela nesta questão, nem na Holanda nem no Curdistão. A família se preocupa com sua segurança durante as coberturas, mas quase nunca o verbalizam, sabem que é o que ela precisa fazer. É um misto de apreensão e orgulho, mas Frédérique espera que o segundo prevaleça. Uma tia perguntou para sua mãe sobre como era ver a filha fazendo todas essas coisas, ela não sentia muito medo? *“Não... Se isso tivesse sido possível na minha época, eu teria feito a mesma coisa. Eu entendo o que ela está fazendo”*, a mãe respondeu. Nascida no início da década de 1940 e casada em 1960, não considerava outras possibilidades, não tinha – ou achava que não tinha – outra escolha.

Na Turquia e no Curdistão, a jornalista também não encontrou resistência. Um senhor de idade que morava no mesmo quarteirão perguntou se ela era casada. *“Eu sou casada com o jornalismo”*, ela respondeu. *“Ah, que bom, que bom. Você é uma mulher livre.”* Frédérique não pode deixar de imaginar se a opinião dele seria diferente caso sua filha escolhesse ser uma mulher li-

vre. “*As mulheres curdas costumam levar vidas tradicionais e são líderes comunitárias, mesmo que de dentro de casa. As famílias estão conectadas umas com as outras, as vilas são comunidades, e as mães têm um importante papel em educar as crianças.*” Valores como o anticapitalismo e a luta contra o patriarcado são parte fundamental da formação dos integrantes do PKK, então, naturalmente, as aulas no acampamento de Qandil também tinham momentos reservados para esse tipo de discussão.

Em contrapartida, as mulheres curdas que decidem entrar para a guerrilha, não podem se casar nem ter filhos. Relacionamentos amorosos não costumam fazer parte do cotidiano dos acampamentos, e muitas das combatentes deixam a família para trás quando escolhem lutar pela ideologia de Öcalan. Para buscar uma relação ou uma família tradicional, teriam de se desligar do movimento, o que é possível, mas pouco honrado. Por não estar submetida a essas regras, Frédérique acredita que tem mais liberdade para mudar sua escolha e iniciar uma relação a qualquer momento e sem culpa.

Mas não é isso que ela quer. De certa forma, tanto a jornalista quanto as guerrilheiras já estão casadas com seus propósitos.



16 de março de 2023

“Eu pertenço aos dois lugares. Eu gosto de conversar com todo mundo na minha língua materna, de ser compreendida, entender as piadas e tudo. É muito frustrante estar em um país em que você não pode falar o seu idioma nunca. Aqui eu tenho a mi-

Por que as mulheres vão à guerra?

nha família, tenho amigos que me conhecem desde os dezesseis anos, e isso também faz parte de se sentir em casa.

Mas no Curdistão, a sociedade é mais focada na comunidade, e o tipo de pensamento que na Holanda é percebido como ‘muito radical ou coisa de jovens que ainda não trabalham’ é melhor compreendido. Sobre assuntos políticos, é mais fácil conversar lá do que aqui.

Eu não posso voltar à Turquia, continuo banida. Talvez eu consiga ainda este ano, porque eles terão eleições em maio. Se a era de Erdogan chegar ao fim, as minhas chances de voltar poderiam melhorar. Não seria fácil, mas seria mais fácil do que neste governo. Eu tento não pensar muito nisso, porque não sei quando será possível, então não quero focar em algo que é uma decepção.

Enquanto isso, eu escrevo sobre a Holanda também, sobre as pessoas que não têm poder institucional e brigam pelos seus interesses. Mas eu ainda escrevo sobre o Curdistão, tenho uma coluna em inglês e uma *newsletter* sobre os curdos. Eu ainda tenho a especialidade, então continuo publicando sobre o assunto.”

Frédérique Geerdink, em entrevista para este livro.

28 de maio de 2023

O presidente Recep Tayyip Erdogan foi reeleito com 52,14% dos votos e vai continuar a governar a Turquia pelos próximos cinco anos.



Patrícia

A grama do vizinho

O ano era 2009, e o Talibã recuperara o controle de várias províncias afegãs. A denúncia de que o prédio armazenava armas para os Talibã havia chegado há pouco tempo para a inteligência dos Estados Unidos e três tanques do exército americano iam em direção ao depósito. Eram tanques do tipo MRAP – Mine-Resistant Ambush Protected – desenhados para aguentar explosões de dispositivos improvisados e outras emboscadas frequentes nas ruínas do Afeganistão. Os avisos do comandante chegavam pelo fone de ouvido dos soldados, o barulho dentro do tanque era muito alto.

“Homem suspeito, vestindo preto, às nove horas...” – o comandante narrava o percurso. O sistema de horas indicava a posição do indivíduo, como um ponteiro em que a meia noite marca o norte – *“...Temos uma presença especial na operação de hoje, a jornalista Patrícia Campos Mello. Nunca tivemos uma jornalista brasileira ‘embedded’”*.

Patrícia cumprimenta os homens do exército de forma breve, focada nos detalhes do percurso até o depósito. Ela também usava fones e roupas de proteção especiais. A atenção de um dos soldados parece ter se fixado nela.

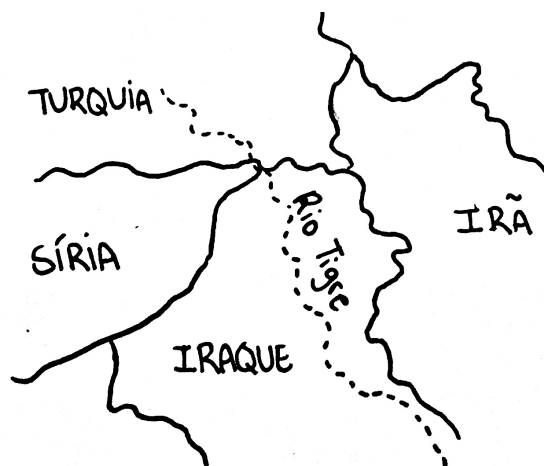
“Posso fazer uma pergunta?”, ele diz. Ela é pega de surpresa, esperava fazer perguntas, e não respondê-las. *“Podê”*, ela responde, apesar do estranhamento.

“Por que vocês usam biquíni fio-dental no Brasil?”



Não era a primeira vez que ela viajava para lugares difíceis. Líbano, Iraque, Irã, Israel, Quênia, Somália, Afeganistão, Índia, Turquia... a lista de países em que Patrícia cobriu conflitos é extensa. Ela já tinha bastante experiência: havia se formado em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP), tinha sido correspondente do Estado de S. Paulo em Washington de 2006 a 2010, e, desde então, atuava como repórter especial e colunista da Folha de S. Paulo. Mesmo assim, estava nervosa.

Havia atravessado o rio Tigre de barco para chegar à cidade de Derik, na Síria, na missão de cobrir a crise migratória que chamava a atenção do mundo. Para sair do país, a população também ia de barco, ou melhor, fugia em botes improvisados carregando todos os filhos e pertences que conseguissem, com a esperança de atravessar o oceano e chegar até a Europa.



A guerra civil na Síria começou em 2011, com os primeiros protestos estimulados pela Primavera Árabe contra o comando de quase quarenta anos da família Assad sobre o país.

Hafez al-Assad fazia parte de uma minoria *alauita* xiita, que havia sido alvo de perseguição durante o antigo Império Otomano. Ao assumir o controle de uma junta militar em 1970, tornou-se presidente do país.

Em fevereiro de 1982, Hafez al-Assad ordenou aos militares que reprimissem um levante da Irmandade Muçulmana na cidade de Hama com força bruta. As forças sírias mataram mais de vinte e cinco mil pessoas. Para os oponentes do regime, Hama se tornaria um grito de guerra em 2011. Para o regime, forneceu ao filho e sucessor de Hafez, Bashar, um modelo para responder à dissidência¹. (LAUB, 2023)

Desde então, grupos de resistência foram organizados para lutar contra o governo autocrático de Bashar al-Assad (apoiado pela Rússia), junto a militares desertores, formando o Exército Livre da Síria.

Em 2013, os Estados Unidos iniciaram uma operação secreta para treinar e equipar as forças de oposição que lutam contra o regime de Assad na Síria. Por meio da CIA, os Estados Unidos facilitaram a transferência de cerca de US\$ 1 bilhão em armas, munições e treinamento para grupos rebeldes sírios na esperança de influenciar um fim negociado para a guerra.² (DICK, 2019)

-
- 1 Minha tradução do original: “In February 1982, Hafez al-Assad ordered the military to put down a Muslim Brotherhood uprising in the city of Hama with brute force. Syrian forces killed more than twenty-five thousand people there. For the regime’s opponents, Hama would become a rallying cry in 2011. For the regime, it provided Hafez’s son and successor, Bashar, with a template for responding to dissent.”
 - 2 Minha tradução do original: “In 2013, the United States began a secret operation to train and equip opposition forces fighting against

O conflito, no entanto, ganhou uma terceira parte, composta por grupos extremistas que se aproveitaram da instabilidade para decretar os chamados “califados”. O Estado Islâmico, também conhecido como EI, ISIS ou Daesh, surgiu a partir de uma ruptura da Al Qaeda, grupo responsável pelos ataques de 11 de setembro, no Iraque. Abu Bakr al-Baghdadi, líder da facção no país, invocava todos os muçulmanos a unir o território islâmico e aplicar as leis da Sharia e a *jihad*³. Os métodos de dominação do Estado Islâmico incluem a tortura, decapitação, o estupro e o ato de queimar os infiéis vivos.

O conflito entre o regime e vários grupos de oposição que lutam para mudar o poder de Assad criou as condições para a rápida expansão do ISIS em 2013 e 2014. [...] Evidências sugerem que Assad também ajudou o ISIS ao libertar terroristas conhecidos das prisões sírias e fechar os olhos para o crescimento do grupo. [...] Apesar da ameaça que o ISIS representava na Síria, Assad se concentrou em lutar contra a oposição síria, mesmo com o apoio militar iraniano e russo em suas costas.⁴ (TILLERSON, 2018)

the Assad regime in Syria. Through the CIA, the United States facilitated the transfer of an estimated \$1 billion in arms, ammunition, and training to Syrian rebel groups in hopes of influencing a negotiated end to the war.”.

- 3 O conceito de jihad está presente no Alcorão como ideia de luta e esforço contra tentações que afastem o islã, mas foi interpretado pelos extremistas como guerra armada contra os infiéis.
- 4 Minha tradução do original: “The conflict between the regime and various opposition groups fighting to change Assad’s grip on power created the conditions for the rapid expansion of ISIS in 2013 and 2014. [...] Evidence suggests Assad also abetted ISIS by releasing known terrorists from Syrian prisons and turning a blind eye to ISIS’s growth. [...] In spite of the threat ISIS posed in Syria, Assad focused instead on fighting the Syrian opposition, even with Iranian and Russian military support at his back.”.

O regime autoritário de Bashar al-Assad e as atrocidades cometidas pelo Estado Islâmico incentivaram o fluxo migratório em massa de sírios para países próximos.

Patrícia estava determinada a mostrar a história de um povo preso no meio da guerra civil. “Três dias antes de embarcar na Turquia rumo ao Iraque, de onde eu iria atravessar para a Síria, descobri que não poderia mais fazer a reportagem que tinha planejado.” (MELLO, 2017, p. 27). Era um problema com o *fixer* (geralmente um jornalista local que ajuda os correspondentes durante as coberturas, sabe indicar os melhores caminhos, fontes e histórias de uma forma que um estrangeiro não conseguiria). Seu *fixer* tinha arrumado outro trabalho, e não poderia mais ajudá-la.

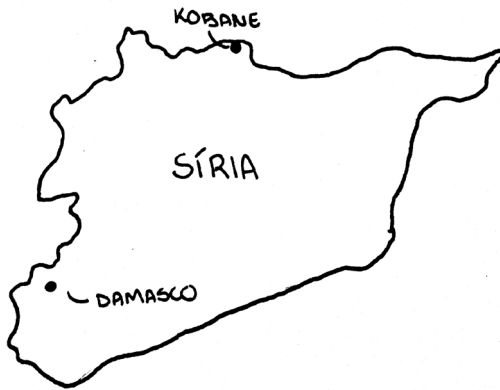
Algumas ligações estratégicas foram suficientes para levá-la até Barzan Iso, morador do Curdistão sírio, no extremo norte do país, que poderia encontrá-la na fronteira com o Curdistão iraquiano, e atuar como *fixer* pelos dias seguintes. Por isso ela havia atravessado o rio Tigre de barco, para chegar ao ponto de controle de Derik. Ela sabia muito pouco sobre o tal Barzan, e as referências que o indicaram também não tinham mais informações, só sabiam que ele falava inglês – e isso era o bastante. Por isso estava nervosa.

Barzan vinha da cidade de Kobane, na fronteira com a Turquia, que abrigava uma população curda-síria de cerca de 150 mil habitantes⁵ no começo dos anos 2000.

Os países em que vive a maior parte da população curda – Turquia, Irã, Iraque e Síria – não têm um censo real e apolítico há décadas, e a maioria tem o hábito de menos-

5 Dado disponível em: <https://news.un.org/en/story/2014/09/478292>. Acesso em: 23 abr. 2023.

prezar os curdos, isso quando não negam abertamente a existência de sua identidade. No entanto, a existência de mais de 40 milhões de curdos no Oriente Médio é, cada vez mais, um fato que nenhum país pode ignorar. De fato, se todas as partes constituintes do Curdistão se tornassem independentes juntas, o país resultante teria uma população maior do que a Polônia, Canadá ou Austrália e maior em área do que Bangladesh, Bulgária ou Áustria.⁶ (RUBIN, 2016, p. 5)



Apesar de ter crescido em Kobane, fazia pouco tempo que Barzan tinha retornado à cidade, após um período na Turquia, quando foi declarado inimigo do governo de Bashar al-Assad.

6 Minha tradução do original: “None of the countries in which the bulk of Kurds live – Turkey, Iran, Iraq, and Syria – have had a real and apolitical census in decades, and most have had a habit of disempowering Kurds, if not outright denying the existence of Kurdish identity. Yet the existence of more than 40 million Kurds in the Middle East is increasingly a fact that no country can ignore. Indeed, if all of Kudistan’s constituent parts were to become independent together, the resultant country would have a larger population than Poland, Canada, or Australia and larger in area than Bangladesh, Bulgaria, or Austria.”.

“Desde cedo, Barzan se envolveu com movimentos de autonomia curda. [...] Em novembro de 2013, com participação direta de sua família, os curdos decretaram a autonomia de Rojava⁷.” (MELLO, 2017, p. 42). Quando Patrícia chegou à Síria, poucos anos depois, Barzan e o irmão integravam a luta contra o regime, ao lado da Unidade de Proteção Popular, a YPG, milícia formada por cerca de 40 mil curdos, enquanto tentavam escapar dos ataques promovidos pelo Estado Islâmico, que cercou a cidade de Kobane em 2014.

No período que passou com Barzan, a jornalista conheceu sua família e sua história. Todos os caminhos levavam Raushan, uma estudante curda que havia interrompido os estudos de direito na Universidade de Aleppo, quando os sinais mais fortes da violência extremista surgiram. Assim surgiu *Lua de mel em Kobane*, o primeiro livro de Patrícia, publicado em 2017 pela Companhia das Letras. Ela poderia ter escrito apenas sobre o conflito, sobre as mortes. Poderia ter feito longas explicações sobre o tipo de armas utilizadas e as implicações da guerra no comércio internacional. Poderia até não ter escrito livro nenhum, e se contentado com as reportagens que fez durante a viagem. Mas escreveu uma história de amor.

Apesar de terem vindo do mesmo país, Barzan e Raushan só se conheceram alguns anos depois, em 2014, quando ela já morava na cidade de Rybinsk, na Rússia, e ele, na Turquia. As interações começaram despretensiosamente pelo Facebook, discutindo sobre a situação na Síria, sobre os direitos das mulheres, mas o interesse mútuo era evidente, e logo já estavam falando sobre música, amigos e Kobane.

7 Nome que os curdos dão para o Curdistão sírio.

Em pouco tempo, Raushan foi integrada à revolução como tradutora em uma agência curda de notícias, e o casal marcou o primeiro encontro presencial, em um aeroporto em Istambul. A relação evoluiu naturalmente para um casamento, não dava mais para ficarem separados. “As coisas estavam mais calmas na Síria, especialmente em Rojava. Havia o perigo dos extremistas, que estavam avançando. Mas mesmo assim, finalmente, construía-se um país para os curdos. Eles precisavam voltar para casa.” (MELLO, 2017, p. 72).

Casaram-se uma semana antes do comunicado divulgado em 16 de setembro de 2014 pelos curdos sírios de que o Estado Islâmico se aproximava de Kobane, mas não desistiram da viagem de volta. Passaram a lua de mel sob o som de bombas e fuzis AK-47s.

A história do casal chamou a atenção de Patrícia, que havia viajado até a Síria procurando a história de famílias que tentavam sair do país e chegar até a Europa em uma travessia pelo mar, sem colete salva-vidas, correndo risco e tentando poupar os filhos. “*Eu queria fazer uma coisa que tivesse a ver com um olhar mais empático, que eu acho que as jornalistas mulheres têm. Eu fui pra lá com o objetivo de tentar entender as pessoas, eu sempre gosto de fazer coberturas que mostram isso. Se você me perguntar qual é a arma, o míssil, não sou boa nisso, não sou a pessoa que vai saber os nomes de ‘rocket-propelled grenade’*, mas eu vou entender como é que eles vivem. E foi assim, essas matérias da Síria e depois o livro... as pessoas conseguem se apaixonar enquanto sobrevivem ao Estado Islâmico, é a vida apesar da guerra.*”



8 Conhecidas como RPGs, são armas de lançamento de granadas.

“Foi uma foto que me levou à Síria. No dia 2 de setembro de 2015, a imagem de um menininho deitado de bruços numa praia, sem vida, com os braços ao longo do corpo e uma camiseta vermelha, chocou o mundo. [...] Alan Kurdi tinha apenas três anos, a mesma idade de meu filho, Manuel.” (MELLO, 2017, p. 28).

Quando Patrícia se separou do pai de Manuel, ele tinha apenas seis meses, o que tornava a realidade de viajar a trabalho com um filho pequeno ainda mais difícil. Ela acordava e dormia com culpa, nunca realmente presente em nenhuma das realidades. Quando estava com Manuel, sentia por não estar fazendo seu trabalho, mas a cada criança que via durante as coberturas, a memória era imediatamente levada de volta ao filho. Ela conta, sem um pinga de orgulho, que quando seu filho tinha cerca de quatro anos, ele olhava pra cima, apontava para o avião e dizia “*olha a mamãe*”. Ela queria morrer de culpa.

A distância do filho não é uma realidade apenas para as jornalistas que cobrem conflitos, ocorre também em outros tipos de reportagens feitas pelas correspondentes. Quando viajou para Serra Leoa, em 2014, para cobrir a epidemia do vírus ebola, Patrícia precisou passar bastante tempo em quarentena, período em que só conseguia ver o filho pelo Skype, mas ele ainda era muito pequeno e não entendia que a mãe estava do outro lado da tela. Nesses momentos, ela questionava tudo: “*Eu pensava ‘puta merda, o que eu estou fazendo aqui? Isso vale a pena?’ Mas eu só continuei fazendo*”.

Por um lado, ela sabe que teve sorte: mesmo com a separação, o pai de Manuel sempre foi muito presente, e ela também pôde contar com o apoio da própria mãe nos momentos mais difíceis – durante as viagens, era comum que a avó do menino fosse

passar uns dias com ele. Por outro, avalia que a culpa que sentia sempre impediu que a dinâmica fosse perfeitamente equacionada.

Mas a culpa nem sempre é um sentimento espontâneo e auto-infligido, ela também vem de fora. Patrícia conta que, em certa ocasião, participava de uma mesa-redonda com a correspondente espanhola Mayte Carrasco, conhecida pela cobertura de conflitos, quando perguntaram às jornalistas como era possível conciliar a vida de esposa, mãe e correspondente de guerra. “*Engraçado, né... Se, nesta mesa, tivesse um repórter de guerra homem, ninguém nunca teria perguntado isso pra ele. Nossa, você tem filho, né? Como é que você faz?*”, *jamais perguntariam isso*”, respondeu Mayte. A brasileira se admirou com a honestidade, e pensou no próprio pai, que também era repórter de guerra, e se ele já havia recebido esse tipo de pergunta. “*Eu nunca tive coragem de dar essa resposta, um dia eu gostaria.*”



A convivência de Patrícia com outras mulheres durante as coberturas revelou uma série de semelhanças e diferenças culturais, que contribuíram para a compreensão de uma realidade tida como alheia aos costumes ocidentais. Não é uma concepção absurda, pelo menos em um nível superficial, imaginar que jornalistas brasileiras, vistas como fonte de conhecimento sobre *Brazilian wax* e biquíni fio-dental por soldados americanos, tenham pouco em comum com mulheres muçulmanas que cobrem a maior parte do corpo. Com pouco aprofundamento, fica óbvio que isso não é verdade.

Quando ela e Raushan se encontraram pela primeira vez, houve certo estranhamento mútuo. “Eu sabia que a maioria dos curdos do norte da Síria é bastante secular e usa roupas ociden-

tais. Mas de alguma maneira ainda me surpreendi ao ver Raushan sem o *hijab*. Ela vestia uma calça jeans que deixava evidentes suas pernas magras e compridas e uma camiseta larga por cima. O cabelo preto, bem fininho e na altura dos ombros, estava preso em um rabo de cavalo.” (MELLO, 2017, p. 35).

Raushan também reparava nas roupas de Patrícia, que havia machucado o pé alguns dias antes e, agora, andava com os dedos expostos. “Por que você veio para a Síria usando chinelos de dedo?” (MELLO, 2017, p. 36), ela perguntou. A partir dali, a relação entre as duas ficou mais descontraída. Hoje em dia, mesmo com o fim do livro e a volta de Patrícia ao Brasil, elas ainda são grandes amigas. “*Ela é uma mulher incrível, sensacional. Não precisa ser mulher pra isso, mas é uma coisa de você cuidar dos seus, se preocupar com a sua família e com o seu país, né? Como as mulheres são as que ficam ali na retaguarda, normalmente, eu acho que sempre tem alguns valores universais compartilhados que nos unem.*”

A irmã mais nova de Barzan, Shireen, foi outra mulher que chamou a atenção de Patrícia. Melhor aluna da sala, a menina era um gênio e queria fazer faculdade de física, mas não havia boas universidades em Rojava, e Shireen não conseguiria sair do país sozinha sendo mulher. A jornalista relembra um dia em que escrevia o livro, na casa dos pais de Barzan, em Kobane, rodeada por metralhadoras e fuzis no chão. Na mesma mesa, Shireen pesquisava em seu laptop alguns modelos de trança para usar no dia do casamento do irmão, e parecia ter dificuldade em decidir qual escolher. Aos poucos, todos os outros integrantes da casa se reuniram ao redor da menina, apontando quais penteados preferiam e quais não gostavam tanto.

Algo comum entre as duas mulheres permitia que Patrícia, que teve acesso a uma boa universidade e escrevia um livro sobre

a guerra que tanto atingira aquela família, conseguisse se conectar com Shireen, que tinha uma vida totalmente diferente. Ainda assim, podiam falar sobre tranças.

“Eu acho uma enorme vantagem ser mulher nessas coberturas, porque a gente tem acesso a uma parte enorme da população que os repórteres homens não têm. Nesses lugares na Síria, Afeganistão, e até na Índia, onde eles são mais conservadores e há a separação entre os gêneros, é muito difícil para um repórter homem ter acesso à casa das pessoas, falar com as mulheres e com as famílias. E nós temos, então conseguimos fazer uma cobertura que vai além da guerra.”

Patrícia vê as conexões que estabeleceu ao longo de suas viagens como valiosas: *“Talvez a gente tenha um valor de entender melhor, conviver um pouco mais, de estar lá em um momento em que as pessoas estão passando por coisas do dia a dia. Parece ridículo, um papo de mulherzinha, mas não é. São trocas de normalidades, é conseguir achar um pouco de normalidade no meio de tudo”.*



Em situações que colocam o correspondente sob pressão ou medo, a linha entre a bagagem pessoal e a atividade jornalística é tênue, mas afiada. É preciso saber dividir a reportagem entre um relato do que está acontecendo *in loco* e análises mais detalhadas do contexto político e social, e balancear as percepções individuais com um certo distanciamento da realidade. Afinal, Patrícia reconhece que a experiência de um correspondente nem sempre reflete a de outros grupos de uma sociedade. Apesar de ter lido bastante sobre como era o Talibã, como era problemática a opressão às mulheres no Afeganistão, o impacto da primeira impressão foi grande. Como jornalista mulher e ocidental, ela

sente que faz parte de um outro grupo, que não entra na categoria “mulheres normais”.

Estar respaldada por um veículo do Ocidente é uma condição privilegiada das correspondentes em relação às mulheres locais, mesmo que algumas adequações sejam necessárias. Durante a cobertura na cidade de Sirte⁹, na Líbia, quando a repórter entrevistou os líderes das milícias islâmicas, o chefe do pelotão respondeu todas as perguntas de costas para ela. Mesmo o corpo de Patrícia estando todo coberto, ele encarava o muro, enquanto outro homem traduzia o que estava sendo dito, já que o fundamentalismo religioso não permitia que o líder a olhasse nos olhos.

“Sempre tem aquela questão logística de que você tem que ter um tradutor homem, dependendo do lugar, você tem que andar acompanhada, não vai fazer uma entrevista sozinha. Isso falando de lugares muito religiosos, como o Afeganistão. Mas, por exemplo, no norte da Síria, para onde eu fui, não tinha isso muito. Eu nunca me senti desrespeitada, você respeita o costume local, mas acho que tem, também, um pouco de estereótipo de que tudo é muito difícil.”

Esse é um ponto importante que permeia as reflexões de Patrícia sobre o Oriente Médio e já foi muito discutido no mundo acadêmico. O teórico palestino-estadunidense Edward Said chamou os estereótipos que a jornalista descreve de “orientalismo”, em um livro homônimo de 1978. De forma simplificada, o termo define a coleção de conhecimentos e noções pré-concebidas que as sociedades ocidentais cultivam a respeito do Oriente como região oposta, em diversos sentidos. Essa oposição seria baseada em um imaginário que coloca as civilizações orientais como os “outros”, aqueles que são diferentes das economias he-

9 A cidade litorânea de Sirte foi palco de um conflito entre o Estado Islâmico e milícias islâmicas. No ano de 2016, forças aliadas ao governo da capital Trípoli retomaram o controle da cidade.

gemônicas que deveriam guiá-los. Assim, cria-se um senso de misticismo sobre o Oriente, com pouca distinção entre os países que o compõem.

“Quando a gente fala sobre o machismo no Oriente Médio, nas sociedades islâmicas, isso existe, com certeza, mas depende da lente que você vai usar. Tem aquela coisa de ‘Ai, por que as mulheres têm que usar véu?’, mas tem mulheres que querem usar o véu, elas se sentem mais à vontade assim. Não estou normalizando algumas das coisas que, obviamente, fazem com mulheres no Irã, no Afeganistão, mas ao mesmo tempo, a gente tem que tomar cuidado ao usar essa nossa lente ocidental e classe média para julgar.”

Patrícia tenta sempre levar a humildade na bagagem e se enxergar como o elemento estranho naquelas sociedades, que vai atuar dentro de suas limitações. *“Eu sei que a minha visão é super enviesada pelo meu filtro de mulher branca, classe média, ocidental, de uma sociedade laica. Eu posso até discordar, mas estou lá para retratar uma realidade que não é a minha, e sei que sempre vai ser um recorte.”*



“Uma foto em que uma mulher aparece pelada, de pernas abertas, em cima de uma pilha de notas de dólares, chamada de piranha. E uma em que o rosto dessa mesma mulher aparece com a legenda: ‘Folha da Puta - tudo por um furo, você quer o meu? Patrícia, Prostituta da Folha de S.Paulo - troco sexo por informações sobre Bolsonaro’. [...] É o meu rosto e o meu nome que estão nesses memes.”¹⁰

10 Trecho retirado de um depoimento de Patrícia à Folha de S. Paulo, em março de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/depoimento-no-brasil-ser-mulher-nos-transforma-em-alvo-de-ataques.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Por que as mulheres vão à guerra?

Questionada sobre o lugar em que a condição de mulher mais interveio em seu trabalho, Patrícia responde: *“No Brasil, de longe. É especificamente uma coisa pessoal e muito ligada ao seu gênero. Por você ser mulher você vai ser criticada, não pelo seu trabalho, mas vão falar que você oferece sexo, que seu marido é corrupto, que você é gorda, que você é velha, que você é feia, alguma coisa que não tem nada a ver com o seu trabalho.”*

Tudo começou em 2018, quando a Folha publicou uma reportagem intitulada “Fraude com CPF viabilizou disparo de mensagens de WhatsApp na eleição”, assinada pelos jornalistas Artur Rodrigues e Patrícia Campos Mello. O texto traz uma entrevista com um ex-funcionário da agência de marketing envolvida na campanha eleitoral daquele ano, Hans River do Rio Nascimento. Ele afirmava que diversas empresas fraudavam dados pessoais para disparar mensagens de WhatsApp em prol de vários políticos, inclusive do ex-presidente e então candidato do PSL, Jair Bolsonaro.

Em fevereiro de 2020, Hans River foi convocado para depor na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das Fake News, formada por deputados e senadores. Na ocasião, ele mentiu sobre os relatos feitos à reportagem e disse:

Quando eu cheguei na Folha de S.Paulo, quando ela [Patrícia] escutou a negativa, o distrato que eu dei e deixei claro que não fazia parte do meu interesse, a pessoa quer um determinado tipo de matéria a troco de sexo, que não era a minha intenção, que a minha intenção era ser ouvido a respeito do meu livro, entendeu? (TV SENADO, 2020)

Terceiro filho do ex-presidente, o deputado Eduardo Bolsonaro, que, na época, também era filiado ao PSL-SP, reafirmou o

discurso, dizendo que não duvidava que a jornalista pudesse ter se insinuado sexualmente ao depoente¹¹. Poucos dias depois, o ex-presidente Jair Bolsonaro diria em uma entrevista ao chamado “cercadinho”¹², grupo de apoiadores que se reunia em frente ao Palácio da Alvorada, que “ela queria um furo, ela queria dar o furo, a qualquer preço contra mim”.

A Folha logo publicou as gravações e planilhas concedidas por Hans durante as primeiras entrevistas, que provaram que ele havia mentido em seu depoimento à CPMI. Bolsonaro foi condenado pela juíza Inah de Lemos e Silva Machado, da 19ª Vara do Foro Central Cível de São Paulo, a pagar uma indenização de vinte mil reais à Patrícia. Seu filho Eduardo teve condenação confirmada em segunda instância pelo Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP), e, em decisão unânime entre os desembargadores, teve que aumentar a indenização inicial de trinta mil reais em mais cinco mil. Hans, no entanto, teve a condenação anulada pela 22ª Câmara de Direito Privado do TJSP, por motivos processuais.

Desde então, os ataques misóginos nas redes sociais ganharam cada vez mais força, e em entrevista à Revista Gama, do Uol¹³, Patrícia revela que o medo da violência no mundo real a levou a andar acompanhada de um guarda-costas por um período. Ela recorda um depoimento que escreveu para a Folha¹⁴ sobre as mensagens que recebe diariamente, sempre de cunho

11 Depoimento disponível em: <https://images.jota.info/wp-content/uploads/2021/01/doc-84813611.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2023.

12 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=znEDvZqXA_U. Acesso em: 23 abr. 2023.

13 Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/formato/conversas/cv-patricia-campos-mello/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

14 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/depoimento-no-brasil-ser-mulher-nos-transforma-em-alvo-de-ataques.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2023.

sexual: *Você tava querendo dar a b***ta para ver o notebook do cara kkkkkkkk então você chupa p***ca por fontes? P*ta do c*ralho, por que você não libera seus comentários? Quem tem c*, tem medo. E aí, p*tinha da Folha, kkkkkk, cuidado ao oferecer o furico.*

Neste sentido, a grama do vizinho realmente foi mais verde: as coberturas no Brasil se mostraram mais desafiadoras do que em países do Oriente Médio. *“Eu acho que é desse populismo novo, uma coisa de se sentir liberado para ser misógino, de se sentir liberado para ser racista, homofóbico. Então, eu acho que aqui é muito mais pessoal e muito mais diretamente ligado a você usar o gênero da mulher. Isso é diferente. Você tem, obviamente, muitas dificuldades logísticas em uma sociedade conservadora quando você está lá fora. Mas aqui é uma coisa de usar o seu gênero para desqualificar e inviabilizar o seu trabalho.”*

Patrícia relembra alguns outros exemplos de mulheres que também passaram por ameaças e intimidação, como Constança Rezende, que, em 2021, entrevistou um representante de uma vendedora de vacinas contra a Covid-19 que afirmou que o Ministério da Saúde teria pedido propina de um dólar por dose em troca do fechamento do contrato. Após uma publicação no portal Terça Livre, reproduzida nas redes sociais de Jair Bolsonaro, que continha uma acusação falsa à jornalista de perseguir a família do ex-presidente, ela se tornou alvo de ataques online. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) também cita alguns casos:

Os alvos prioritários são profissionais que se destacaram por investigar e revelar aspectos nebulosos sobre a vida política da família Bolsonaro. É o caso de Constança Rezende, Miriam Leitão, Juliana Dal Piva, Marina Dias, Patrícia Campos Mello e Vera Magalhães. São comuns xingamentos de “vadia”, “prostituta” e insinuações de que mulheres jornalistas venderiam seu corpo por notícia. (ROSSI et al., 2020)

Em julho de 2020, Patrícia publicou seu segundo livro, *A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*, em que conta os bastidores do assédio sofrido nos anos anteriores.

A violência sistemática contra jornalistas mulheres no Brasil, no entanto, ajudaram a expor uma realidade que antes Patrícia enxergava como deixada de lado. “No começo, acho que ninguém se dava conta de que esse tipo de violência online escala, sai do mundo online e alimenta a hostilidade, a raiva das pessoas contra jornalistas. Então, acho que isso já foi um passo, conscientização sobre esse tipo de violência misógina, que era uma coisa que meio que não estava no nosso radar.”

Ela reconhece que, dentro das redações e outros espaços profissionais, é mais comum encontrar homens do que mulheres em posições de chefia, e que isso é refletido nas escolhas de pautas e na linha editorial dos veículos. Sem as jornalistas mulheres, é improvável que histórias como a falta de absorventes em zonas de guerra, escrita por uma colega de Deborah Amos, ganhem espaço.

“Enquanto tivermos líderes que se alimentam ou que mobilizam uma base com misoginia, isso não vai desaparecer.” Patrícia tenta lidar com os ataques, conversar sobre o que aconteceu e seguir em frente.

“O que a gente pode fazer? É continuar exercendo o nosso trabalho.”

Conclusão

Uma pesquisa feita pelo Reuters Institute em fevereiro de 2023 em parceria com a Universidade de Oxford¹, analisou a distribuição de gênero dos principais editores em uma amostra de 240 plataformas de notícias em 12 países de cinco continentes. O relatório selecionou os dez principais veículos de TV, rádio, jornal impresso e on-line de cada país segundo Relatório de Notícias Digitais do Reuters Institute 2022 e identificou quem eram os editores-chefes. Os nomes coletados foram checados com as assessorias dos veículos e indicaram o seguinte resultado:

- Apenas 22% dos 180 principais editores nas marcas abrangidas são mulheres, apesar de elas representarem, em média, 40% dos jornalistas nos 12 mercados. [...] Em todos os países, a maioria dos principais editores são homens, inclusive naqueles onde as mulheres superam os homens entre os jornalistas em atividade.

- Muitos países que pontuam bem no Índice de Desigualdade de Gênero das Nações Unidas (UN GII), ou seja, que seriam mais igualitários em termos sociais, têm relativamente poucas mulheres entre os principais editores.

Já um estudo da LLYC², empresa de consultoria em comunicação, realizado no ano de 2022, pesquisou mais de 14 milhões de notícias, acessando cerca de 78 mil fontes de informação em 12 países que incluíam menções explícitas ao gênero. A análise

1 Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-03/Eddy_et_al_Women_and_Leadership_2023.pdf. Acesso em: 18 abr. 2023.

2 Disponível em: https://mediatalks.uol.com.br/wp-content/uploads/2024/03/INFORME_MUJER_FINAL_2023_BR.pdf. Acesso em: 18 abr. 2023.

foi feita pela equipe de Deep Digital Business da consultora e concluiu que:

- Há mais que o dobro de notícias sobre homens do que sobre mulheres.

- Na maioria dos países do mundo, os homens assinam 50% mais notícias do que as mulheres. [...] A República Dominicana tem a maior lacuna de autoria: os homens assinam três vezes mais notícias do que as mulheres. Panamá, Chile, Estados Unidos e Argentina também têm uma lacuna significativa. Em Portugal e no Equador a diferença é muito menor, sendo Portugal o país onde homens e mulheres assinam notícias quase em igualdade. A Colômbia é o único país onde há mais mulheres do que homens assinando notícias em 5 das 8 seções analisadas (GARCÍA *et al.*, 2023, p. 7).

- As editorias de Saúde, Eventos e Sociedade são as que mais têm autoras mulheres, cerca de 45%. Em contrapartida, as seções de Esporte, Tecnologia, Política e Economia apresentam os menores índices de autoria feminina, em torno de 25%.

- O nome próprio das mulheres aparece 21% menos nas manchetes, e em 36% das notícias sobre mulheres há menções à família.

Números como esses indicam que ainda existe um longo caminho a ser percorrido e que, apesar dos avanços conquistados, a desigualdade de gênero na atuação jornalística é uma realidade no mundo todo, não apenas no Oriente Médio. No entanto, mesmo com as dificuldades encontradas em todos os países – de maneiras e intensidades diferentes – os depoimentos de Deborah, Bianca, Clarissa, Frédérique e Patrícia demonstram que essas mulheres compartilham de uma força comum que trabalha em favor do produto final. A mesma condição de mulher que as restringe e limita tantas vezes, também é o elo que promove conexões com as mais variadas fontes e informações. Seja pela

falta de desconfiança diante de figura feminina, seja pela identificação, elas conseguem acessar conhecimentos e contar histórias inéditas, a partir de perspectivas inovadoras. Sem esse talento e esforço em conseguir novos ângulos para as reportagens, o leque de conteúdos produzidos pelos veículos de comunicação seria pequeno e muito distante da realidade, complexa como ela é.

Isso também se aplica ao olhar de jornalistas não brancas, periféricas, LGBTQIAPN+ ou com algum tipo de deficiência, grupos ainda mais marginalizados. Não passa despercebida a falta dessas profissionais neste projeto, resultado da dificuldade em encontrar suas produções em posições de destaque, principalmente os trabalhos que ultrapassam ou não estão relacionados à temática da diversidade.

Os relatos das entrevistadas ainda ressaltam a importância da rede de apoio criada intencionalmente ou não por essas mulheres. São gestos pequenos, como a companhia uma da outra para ir ao banheiro em lugares hostis, conforme narra Bianca, ou avanços significativos para a comunidade, a exemplo do pioneirismo de Deborah e das mulheres que Clarissa chama de gigantes. O trabalho de cada jornalista, seja sobre a realidade feminina ou qualquer outro tema, representa mais um passo dado em direção a um território que ainda está sendo desbravado.

“Continuar exercendo o nosso trabalho” é a solução proposta por Patrícia – simples, mas poderosa. Enquanto a presença feminina ainda for motivo de surpresa no meio jornalístico, é preciso continuar exercendo o trabalho. Enquanto a maternidade ainda for um ponto negativo no currículo, é preciso continuar exercendo o trabalho. Enquanto jornalistas ainda forem importunadas durante entradas ao vivo; enquanto forem descredibilizadas durante entrevistas; enquanto ainda precisarem justificar sua aparência; enquanto forem acusadas de trocar informações por sexo... É preciso continuar exercendo o nosso trabalho.

Bibliografia

BAIRD-MURRAY, K. War Reporter Clarissa Ward Talks Fear, Family And The Front Line In British Vogue. **Vogue**, 14 dez. 2021. Disponível em: <https://www.vogue.co.uk/arts-and-lifestyle/article/clarissa-ward-interview>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BENÍCIO, J. Mãe de 2, jornalista da CNN decide enfrentar talibãs. **Terra**, 16 ago. 2021. TV. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/mae-de-2-jornalista-da-cnn-decide-enfrentar-os-talibas,ca46437d6ba317e23729af3f82ceceb4pgs3q.html>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Brasil / Rio de Janeiro / Rio de Janeiro População no último censo [2010]. **IBGE**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>. Acesso em: 18 abr. 2023.

COURA, K. TJSP anula condenação de Hans River a indenizar jornalista Patrícia Campos Mello. **JOTA**, 15 fev. 2022. Disponível em: <https://www.jota.info/coberturas-especiais/liberdade-expressao/hans-river-patricia-campos-mello-tjsp-15022022>. Acesso em 23 abr. 2023.

Data on Patients Identified as Victims of Domestic Violence and Sexual Assault in 2020-2021. **Ministry of Health**, 24 nov. 2022. Disponível em: <https://www.gov.il/en/departments/news/24112022-02>. Acesso em: 18 abr. 2023.

DEMIRJIAN, K.; SCHMITT, E. Taliban Kill Head of ISIS Cell That Bombed Kabul Airport. **The New York Times**, 25 abr. 2023. Politics. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/04/25/>

us/politics/isis-leader-killed-kabul-airport-bombing.html. Acesso em: 18 abr. 2023.

DICK, S. The Arms Trade and Syria. **Georgetown Journal of International Affairs**, 2 set. 2019. Conflict & Security. Disponível em: <https://gja.georgetown.edu/2019/09/02/the-arms-trade-and-syria/#:~:text=Through%20the%20CIA%2C%20the%20United,negotiated%20end%20to%20the%20war>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Dossiê Mulher: pelo menos uma mulher por dia foi vítima de perseguição no estado. **ISP - Instituto de Segurança Pública**, 08 mar. 2023. Disponível em: <https://www.isp.rj.gov.br/Noticias.asp?ident=539>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Engage In Palestine. What to wear in Palestine. **Engage In Palestine: Bringing People Together**, 18 set. 2021. Disponível em: <https://ecpalestine.org/what-to-wear-in-palestine/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

ESTADOS ANYSIOS DE CHICO CITY: TIM TONES. Direção: Cininha de Paula, Cassiano Filho, Paulo Guelli. Produção de Marcelo Rosa. Brasil: Rede Globo, 1991. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2986763/>. Acesso em: 25 maio 2023.

GEERDINK, F. **This Fire Never Dies: One Year With the PKK**. Nova Délhi: Leftword, 2021.

HANER, M.; CULLEN, F. T.; BENSON, M. L. Women and the PKK: Ideology, gender, and terrorism. **International Criminal Justice Review**, 2020, vol. 30, no 3, p. 279-301. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1057567719826632?journalCode=icja>. Acesso em: 13 maio 2023.

History of Executive Order 11246. **Office of Federal Contract Compliance Programs**. Disponível em: <https://www.dol.gov/agencies/ofccp/about/executive=-order11246--history#:~:text=On%20March%206%2C%201961%2C%20shortly,without%20regard%20to%20their%20race%2C>. Acesso em: 25 maio 2023.

How damaging has the Afghanistan withdrawal been to Joe Biden? **The Economist**, 2 set. 2021. United States. Disponível em: https://www.economist.com/united-states/will-joe-biden-pay-a-political-cost-for-americas-chaotic-withdrawal-from-afghanistan/21804099?utm_medium=cpc.adword.pd&utm_source=google&ppccampaignID=19495686130&ppcadID=&utm_campaign=a.22brand_pmax&utm_content=conversion.direct-response.anonymous&gclid=CjwKCAjwvJyBhApEiwAWz2nLUtDiGZh-Zj4-QfkoWcL3tEF338XRAuBDwb8bVVeDtvHgNe4aZPQvnxo-CrhsQAvD_BwE&gclsrc=aw.ds. Acesso em: 18 abr. 2023.

Human Rights Activists News Agency. Daily Statistics on Iran Protests For details and more statistics, read HRANA's report: [#Iran #IranProtests](http://ow.ly/xcL950M698j). 15 jan. 2023. **Twitter**: @HRANA_English. Disponível em: https://twitter.com/HRANA_English/status/1614398173111357440?cxt=HHwWgMC8pbilv-c-sAAAA. Acesso em: 18 abr. 2023.

Hundreds of thousands of Syrian Kurds live in fear of Islamist extremist violence – UN. **UN News**, 23 set. 2014. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2014/09/478292>. Acesso em: 23 abr. 2023.

i24NEWS. **LinkedIn**. Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/i24news/?originalSubdomain=il>. Acesso em: 18 abr. 2023.

JURISDIÇÃO. Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Procedimento Comum Cível - Indenização por Dano Moral, 1048998-75.2020.8.26.0100, Patrícia Toledo de Campos Mello, Eduardo Nantes Bolsonaro, 11 dez. 2020. Disponível em: <https://images.jota.info/wp-content/uploads/2021/01/doc-84813611.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Kabul airport attack: What do we know? **BBC News**, 27 ago. 2021. Ásia. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-58349010>. Acesso em: 18 abr. 2023.

KREYENBROEK, P. G.; SPERL, S. (ed.). **The Kurds: a contemporary overview**. Abingdon: Routledge, 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=JZ6JAgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR6&ots=P0URWDQscE&sig=bSRPeIS7EwZ0qNLsFEssODYiMY0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 18 abr. 2023.

LAUB, Z. Syria's Civil War: The Descent Into Horror. **Council on Foreign Relations**, 14 fev. 2023. Disponível em: <https://www.cfr.org/article/syrias-civil-war>. Acesso em: 18 abr. 2023.

LINDSEY, C. Understanding the global impact of armed conflict on women. In: _____. **Women facing war**. Genebra: International Committee of the Red Cross, 2001, pp. 23-32. Disponível em: https://www.icrc.org/en/doc/assets/files/other/icrc_002_0798_women_facing_war.pdf. Acesso em: 25 maio 2023.

MELLO, P. C. Depoimento: No Brasil, ser mulher nos transforma em alvo de ataques: Tem gente que vê graça em linchamento misógino; o que achariam se a piada fosse com a filha deles? **Folha de São Paulo**, 8 mar. 2020. Folha Mulher. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/depoimento-no-brasil-ser-mulher-nos-transforma-em-alvo-de-ataques.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MELLO, P. C. **Lua de mel em Kobane**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NATO and Afghanistan. **North Atlantic Treaty Organization**, 31 ago. 2022. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_8189.htm. Acesso em: 18 abr. 2023.

Oprah Talks to Christiane Amanpour. **O, The Oprah Magazine**, Nova Iorque, set. 2005, p. 6. Disponível em: <https://www.oprah.com/omagazine/oprah-interviews-christiane-amanpour-cnn-reporter/6>. Acesso em: 25 maio 2023.

PAYNO, M. UMA JORNALISTA NO FRONT. **Gama**, 24 jul. 2020. Conversas. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/formato/conversas/cv-patricia-campos-mello/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

PEREIRA, L. A.; CHAVES, R. No universo fantástico de José Vasconcellos. **Erмира**: cultura, ideias e redemoinhos, 15 ago. 2018. Rupestre. Disponível em: <http://ermiracultura.com.br/2018/08/15/no-universo-fantastico-de-jose-vasconcellos/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Photos of CNN journalist covering Kabul lack context. **Associated Press News**, 17 ago. 2021. Disponível em: <https://apnews.com/article/fact-checking-979183502587>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Population, female - Israel. **World Bank Group**, 2022. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL.FE.IN?locations=IL>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Quick Facts: Prospect Park borough, New Jersey. **United States Census Bureau**. Disponível em: <https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/prospectparkboroughnewjersey/SBO050217>. Acesso em: 25 maio 2023.

Remarks by President Biden on Afghanistan. **The White House**, 16 ago. 2021a. Speeches and Remarks. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/08/16/remarks-by-president-biden-on-afghanistan/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Remarks by President Biden on the End of the War in Afghanistan. **The White House**, 31 ago. 2021b. Speeches and Remarks. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/08/31/remarks-by-president-biden-on-the-end-of-the-war-in-afghanistan/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

REYES, A. Quem é Clarissa Ward, a jornalista da CNN que cobriu a tomada do Afeganistão pelo Talibã. **CNN Brasil**, 21 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/quem-e-clarissa-ward-a-jornalista-da-cnn-que-cobriu-a-tomada-do-afeganistao-pelo-taliba/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

RICAPITO, M. Clarissa Ward: ‘É surreal falar com meus filhos com bombas explodindo no fundo’. **Marie Claire**, 06 mar. 2022. Notícias. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2022/03/clarissa-ward-e-surreal-falar-com-meus-filhos-com-bombas-explodindo-no-fundo.html>. Acesso em: 18 abr. 2023.

ROSSI, A.; ZAHAR, C.; BREMBATTI, K.; MENEZES, M.; MAZOTTE, N.; LAVOR, T. Mulheres jornalistas sob ataque. **Abraji**, 08 mar. 2020. Notícias. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/mulheres-jornalistas-sob-ataque>. Acesso em: 19 abr. 2023.

RUBIN, M. Who Are the Kurds? *In*: _____. **Kurdistan Rising?** Considerations for Kurds, their neighbors, and the region. Washington: American Enterprise Institute, 2016, pp. 5-18. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep03254.4?searchText=&>

searchUri=&ab_segments=&searchKey=&refreqid=fastly-default%3A79a62a892facb20d347c7028a145bfa3&seq=1. Acesso em: 23 abr. 2023.

SCHARNWEBER, G. What & Where is the Middle East. *In*: Middle East Policy Council. **Teaching the Middle East: A Resource Guide for American Educators**, 2016. Disponível em: https://csme.indiana.edu/documents/cirricula/MEPolicyCouncil_What-WhereMiddleEast.pdf. Acesso em: 18 abr. 2023.

The U.S. Withdrawal from Afghanistan. **The White House**, 06 abr. 2023. Statements and releases. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2023/04/06/the-u-s-withdrawal-from-afghanistan/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

TILLERSON, R. W. Remarks on The Way Forward for the United States Regarding Syria. **U.S. Embassy and Consulates in Turkey**, 17 jan. 2018. News & Events. Disponível em: <https://tr.usembassy.gov/remarks-way-forward-united-states-regarding-syria/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

TV SENADO. CPMI das Fake News: parlamentares se mobilizam contra Hans River por ataque à jornalista. **YouTube**, 12 fev. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6xlAe9_9x-vQ. Acesso em: 23 abr. 2023.

UOL. BOLSONARO INSULTA REPÓRTER DA FOLHA: “ELA SÓ QUERIA DAR O FURO”. **YouTube**, 18 fev. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=znEDvZ-qXA_U. Acesso em: 23 abr. 2023.

WARD, C. **On All Fronts: The Education of a Journalist**. Westminster: Penguin Books, 2021a.

WARD, C. Pregnant in a war zone: the mother of all assignments. **The Times**, 14 jan. 2023. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/pregnant-in-a-war-zone-the-mother-of-all-assignments-qbrpkzg7x>. Acesso em: 18 abr. 2023.

WARD, C. Pregnant on the Front Lines. **Elle**, 24 abr. 2020. What to Read in 2023. Disponível em: <https://www.elle.com/culture/books/a32057156/clarissa-ward-on-all-fronts/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

WARD, C. This meme is inaccurate. The top photo is inside a private compound. The bottom is on the streets of Taliban [...]. 16 ago. 2021b. **Twitter**: @clarissaward. Disponível em: https://twitter.com/RZ123ZR_/status/1427639043706298377. Acesso em: 18 abr. 2023.

What Clothes Should I Wear in Israel?. **Tourist Israel**: The Guide. Travel Advice & Information. Disponível em: <https://www.touristisrael.com/what-to-wear-what-clothes-should-i-bring-to-israel/2164/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Imagens de abertura de capítulo

Capítulo 1: Deborah Amos, foto de Annette Hornischer.

Capítulo 2: Bianca Zanini, foto de Yuri Skvirski.

Capítulo 3: Clarissa Ward, foto de Addam Dobby.

Capítulo 4: Frédérique Geerdink, imagem das redes sociais.

Capítulo 5: Patrícia Campos Mello, Reprodução Facebook.

